

os pôr á sua disposição duzentos luizes d'oiro que destinava para o seu estabelecimento em qualquer parte que v. s.<sup>a</sup> fixasse a sua residencia.

— Pois elle foi para a India!? replicou Conrado; e as lagrimas lhe saltaram dos olhos abundantes.

— Então não o sabia, senhor doutor?! Marbel teve aqui muitos desgostos. O nosso Principe quiz dar-lhe cartas de nobreza, e vai elle (o senhor conheceu-lhe bem o genio) mandou-o bugiar. Recambiou-lhe o diploma, e disse-lhe que o homem era nobre pelas suas acções; recebia-a de si e não dos outros a verdadeira nobreza. Este dito atrevido deu materia a largos commentarios e falsas interpretações, acabando por uma tal ou qual perseguição. Chamaram-lhe jacobino e accusaram-no de espalhar pelo povo ideas subversivas da ordem, alliando-se com os maiores revolucionarios. Em pouco tempo viu-se atralhado com tantas accusações, e amargurou-se-lhe a vida. O senhor doutor sabe que elle era lhano e affavel, e sobre tudo beneficente; estas semsaborias fizeram-lhe perder sommas consideraveis, e o pezar lhe fez perder alegria e saude. Arriscou-se a novas emprezas e especulações, e todas abortaram! Um dia veio ter comigo e disse-me que tinha nas Indias ainda bons capitaes, e que queria ir dirigil-os pessoalmente. As minhas objecções amovaveis foram inuteis e quebraram-se diante da sua vontade de ferro. Vendeu e distribuiu liberalmente todos os bens que aqui possuia, deu-me um deposito para entregar ao senhor doutor, e partiu haverá já anno e meio.

Conrado com esta historia ficou de todo descorçoado. Se soubesse aonde poderia achal-o na India, ter-se-hia posto logo a caminho.

Schmid tratou de consolal-o, e offereceu-lhe um aposento em sua casa até que tivesse assentado no modo de vida que devia seguir. Conrado lembrou-se de abrir uma loja do seu officio, mas Schmid dissuadiu-o com energia, e aconselhou-o a

que se fizesse advogado, o que seria mais vantajoso tanto para elle como para a sociedade.

Passada uma semana, entrou o nosso negociante muito alegre no quarto de Conrado com um jornal de annuncios na mão.

— Meu amigo, venha comigo a casa do senhor Wallenroth. Este sujeito quer um administrador para as suas terras. Possui uma villa inteira, e o senhor doutor é o homem que lhe convém. É meu amigo, e lançou este annuncio nos jornaes. Vamos já ter com elle; o logar é de seiscentos francos de ordenado, casa, cama e mesa. É um riquissimo achado. Veja lá; não lhe é vantajoso?

Conrado encolheu os hombros.

— Então não? Ora essa! era o que faltava! Acompanhe-me, senhor doutor. Faça de conta que sou o sr. Marbel; hoje faço as suas vezes, e quero dirigil-o como elle o faria se aqui estivesse.

Conrado seguiu Schmid, que o mettu na sua carruagem e foi com elle a casa do senhor Wallenroth.

Era este um homem idoso, muito franco e cheio de amabilidade.

— Não tenho a honra de o conhecer, senhor doutor Conrado, disse elle. Mas é bastante a recommendação do meu amigo Schmid; o logar que pretende é seu sem contestação nenhuma, e nem admitto já nenhum outro pretendente. Entretanto devo informal-o de algumas particularidades. Eu parto para Paris, e ali me conservarei talvez por muitos annos. Por esse motivo é que desejo quem me substitua plenamente durante a minha ausencia. Confio-lhe por tanto toda a minha casa e a direcção dos meus negocios em Alteck. Não é o logar de gerente que vai exercer nas minhas terras, mas o meu proprio logar. O governo que lhe confio é pleno e absoluto. Como pôde fazer idea, as minhas propriedades contêm bastante povo, e este quasi todo grosseiro, pobre e ignorante; o seu coração é d'oiro, mas a casca é grossa, e é necessario aquilatar um e polir a outra. São diamantes brutos, cujo valor é im-

menso mas que precisam lapidario. Fica a seu cargo dirigir tambem como melhor entender a sua educação. Todos os annos o senhor doutor remetterá as minhas rendas e contas aqui ao sr. Schmid que m'as remetterá directamente.

Conrado allegou debalde a sua ignorancia de economia rural, mas a sua modestia não convenceu ninguem. Os dois velhos insistiam a todo o transe com uma bondade notavel, e teve de ceder. Disse até que para tal responsabilidade era insignificante a gratificação; mas o argumento tornou-se contraproducente, porque o sr. Wallenroth, firme no seu intento, duplicou lhe logo o ordenado, elogiando a sua capacidade e tratando-o com muita consideração. Conrado estava aturdido e contente ao mesmo tempo

— Mas, exclamava elle, d'onde nasce tão illimitada confiança?

O sr. Wallenroth, apontando para Schmid, acrescentou:

— O coração d'este homem honrado junto com o meu não fazem mais do que um só.

A nomeação foi authentica e fez-se com todas as regras que eram de praxe. Só uma clausula apontou o sr. Wallenroth, a que ligou summa importancia.

— Tudo ficará sujeito á sua inspecção e ás suas ordens, senhor doutor, excepto uma pessoa que estimo muito, ainda que pouco a conheço. É a viuva d'um homem honrado, que foi aqui muito estimado e bemquisto de todos; chama-se a viuva Walter. Não tem bens nenhuns e vive apenas d'uma pequena pensão que lhe ficou de seu marido; mas eu concedi-lhe habitação e alimentos em minha casa. O senhor doutor e ella viverão ambos perfeitamente na mesma casa e hão de dar-se muito bem, porque ella é pessoa de merecimento e de muita docilidade.

Conrado não teve que objectar á clausula que lhe estipularam; e, a falar verdade, ficou até muito satisfeito por saber que havia em Alteck uma mulher que lhe podia ser util e prestar certos cuidados e desvelos que só ellas conhecem. (Continua)

## EXPEDIENTE

É este o ultimo numero do primeiro trimestre do RECREIO LITTERARIO. Como infelizmente ainda persiste a crise de falta de trabalho typographic, que deu origem a esta publicação, e para que possamos continuar a preencher o fim que nos propozemos, rogamos aos Srs. Assignantes em debito que mandem satisfazer a importancia das suas assignaturas, e a todos geralmente que se dignem prestar a sua coadjuvação, continuando a assignar o jornal no seguinte trimestre. De contrario pedimos nos avisem com a brevidade possível.

### Charada 15.<sup>a</sup>

Na construcção das casas é precisa	}	2
P'ra tectos e sobrados supportar.		
Corre constantemente pela terra	}	2
Para o tributo seu render ao mar.		

P'ra em vitalicio nó ligar dois entes  
Tem regio e apostolico poder,  
Sobre tal união ao céu pedindo  
Benções e graças queira conceder.

Mas debalde a liturgia

Se faz solemne e imponente,

Se outro laço mais potente

Os dois não veio estreitar;

Que onde o amor não liga as almas

E' perfidia o juramento,

Sacrilegio o sacramento,

E em balcão tornou-se o altar. r. c.

### 16.<sup>a</sup>

Segunda — 1

Segunda — 1

Terceira — 1

Silencio! — 1

Silencio! não lhe perturbem

O santo recolhimento;

Culto rende á Divindade,

Do bem eterno sedento. s.

### Explicações

CHARADA 14.<sup>a</sup> — Seno.

ENIGMA — O tempo e os elementos não respeitam ninguem.

# RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 13

Julho

1870

## ADVERTENCIA

Circunstancias imperiosas embarçaram a regularidade da publicação d'este jornal; mas, tendo-se desvanecido, ençetamos hoje o segundo trimestre da sua existencia.

Ao continuarmos os nossos trabalhos a nossa primeira palavra é um voto de profundo agradecimento aos nossos Collaboradores e Assignantes. Sem esta coadjuvação não poderíamos dar um passo, e uns e outros nos auxiliaram generosamente.

A crise que creou este jornal dura ainda, e cada vez mais espinhosa; e porisso continuamos a appellar para a protecção dos nossos amigos. Abençoadas as flores da caridade que desabrocham do prelo! Regadas com o suor do trabalho, são duplicadamente uteis, porque os seus perfumes dissipam dois miasmas que inficionam o ambiente da vida — o ocio e a fome.

## CARTAS FAMILIARES

I

### Belem

Onde o licor mistura e branca aréa  
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo.  
CANÇÕES.

Meu Amigo. Fui hontem a Belem; e pela primeira vez pisei aquellas praias famosas, donde sahiram mar em fóra os nossos argonautas. Pouco lhe posso dizer das minhas sensações, porque tive tantas,

2.º TRIMESTRE

que quasi as inutilizou a confusão. Mas uma sobre todas me ficou indelevel, que foi a do profundo convencimento da nossa antiga superioridade maritima.

Eu me explico. O portuguez como navegante excede na minha opinião a todos os povos do preterito, e ainda do presente. E não é exaggerado este asserto: nenhum dos antigos conseguiu tanto, nenhum dos modernos chegou tão longe. E nem uns nem outros com menos effusão de sangue, com tanto desinteresse e moralidade politica. É abrir a historia, ler e comparar.

O phenicio foi traficante e de proverbial deslealdade. Os seus lenhos aravam habitualmente o Mediterraneo, e raras vezes passaram a bócca do estreito. E estes quasi que foram os limites da navegação dos outros povos. As epopeas antigas salvaram-se pelo merito litterario; os seus heroes cabiram. O poeta tinha horisontes immensos, e mais vastos ainda que o navegante.

Os limites maritimos dos antigos foram alargados pelos portuguezes de tal modo, que ainda hoje, no nosso tristissimo oceano, a ligeireza dos vapores modernos não venceu nunca a meta dos nossos antigos e pesados galeões. O estandarte das Quinas talhara nos mares maior imperio do que nas terras as antigas aguias da famosa Roma.

Isto é verdade; e se por ventura parece suspeito na nossa penna, podemos abrir qualquer estrangeiro que trate das nossas coisas, em bem ou em mal, que n'este ponto nenhum nos nega justiça. Lembro-me de alguns; mas, como tenho á

mão o Edgar Guinet, copiar-lhe-ei dois ou tres paragraphos d'um capitulo que trata de Lisboa. O estylo é primoroso, valente a animação; e nenhum portuguez descreveria melhor e mais energicamente as glorias do seu passado. Ora ouça; eil-o que entra pelo Tejo dentro, e nos falla de Belem, d'este mesmo Belem de que tambem lhe estou fallando:

«...No dia seguinte, depois de termos navegado alto mar sem ver terra em quasi toda a viagem, entravamos no Tejo, que estava agitado por uma brisa fortissima do norte. As collinas, arredondando-se ao longe, assemelham-se a uma concha immensa, onde a cidade se ostenta em espiraes nacaradas até aos cumes. Eu procurava ver algum muro ennegrecido, temporaneo de Camões; e avistei em frente um monumento antigo, cuja impressão ficará para mim unida sempre com a de Portugal. Imaginae no Tejo uma velha cidadella, cujas torres gothicas se apoiam sobre gigantescos cavallos-marinhos de granito, nadando alguns á superficie da agua, revolvendo-se outros nas aréas. Affigurava-se-me esta fortaleza caminhando pelo rio ao encontro do mar. Das ventas de pedra, batidas pelas vagas, sahia um mugido que semelhava o d'um povo amphibio. Imaginava eu a cidadella empavesada, conduzida por animaes maritimos através dos estreitos e dos oceanos de Vasco da Gama, de Magalhães e de Albuquerque; e os Lusíadas naufragados me appareciam nas cristas das ameias, que ora se abaixavam ora se elevavam com o susurro das vagas, confundido com as badaladas do sino da tarde.

«Quando os antigos navegantes, depois de terem conquistado mundos, voltavam ao seu paiz, vinham desembarcar em frente ao limiar do mosteiro de Belem; era a porta *por onde haviam de entrar n'este reino os triumphos*. (1).

Apressei-me a visitar este sitio singular no mundo, e vi um monumento de

(1) Palavras de João de Barros no tomo 1.º da sua *Asia*.

tão singela e original sublimidade, que todo o pensamento do povo portuguez me pareceu identificado n'elle. Ainda quando o terremoto não deixasse nenhuma outra ruina, e que todas as chronicas se perdessem, este monumento bastaria e fallaria só por si; a alma maritima de Portugal viveria em cada uma das suas pedras.

«El-rei D. Manuel erigiu um templo na margem do Tejo, onde se embarcou Vasco da Gama em demanda das terras indianas, n'esta *praia de lagrimas* (1), que viu tão fortes emações de receio, de esperança e de dor, tantas separações, abraços e despedidas, tantos regressos triumphantes. A sua architectura é gothica, mas o genio concentrou alli todos os caracteres da vida do mar: cordões de pedra, que ligam entre si os pilares gothicos; altos mastros de mezena, que sustentam as ogivas, os florões e as abobadas, em quanto que a vela da humanidade se enfuna, em pleno seculo dezeseis, com o halito do céu.

«É ainda a casa do Deus da idade-media, mas preparada como um navio ao soltar das velas. Se entraes no claustro, vereis já colhidos e pendurados nos baixos relevos os fructos e plantas dos continentes ha pouco descobertos, como os côcos e os ananazes. O espirito aventureiro dos portuguezes, a sua destemidez, profunda sciencia e o arrojo das suas descobertas entendem-se melhor n'estas paredes do que em nenhuma chronica. Resumbrá d'ellas a impressão do momento de inexprimivel enthusiasmo, quando Christovão Colombo, Vasco da Gama e Magalhães entoam de joelhos o *Gloria in excelsis*, amainando as velas diante de terras desconhecidas...»

Mas basta, meu amigo, que insensivelmente se me alongava a transcrição. O passeio até Belem é lindissimo, principalmente pelo rio. O Tejo não possui a graça do Mondego, ou a severa magestade

(1) *Ibidem*.

do Doiro; mas é grandioso e esplendido: não tem as margens viçosas do primeiro, nem as asperas penedias do segundo; mas espelha-se-lhe na corrente a graciosa cidade de marmore e de granito. O murmuro do nosso rio é languido e amoroso como os suspiros de Ignez ou de Dona Laida; o ruido do Doiro, energico e selvatico, semelha o tropel d'um exercito em dias de batalha; mas o Tejo entõa no susurro das suas aguas canções de gloria, é o rio dos nossos triumphos do mar, e que acolheu em seu seio as pareas de todo o Oriente.

Setembro de 1863.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## AMORES DA ALBEXIA

A GOMES DE AMORIM

Nunca visto a saia branca  
com esta barra de flores,  
que me não venham á idea  
os meus passados amores!

Pois se elle gostava tanto  
de me ver vestida assim!  
Era um prazer vel-o então  
a mirar-se todo em mim!

E mocetão mais guapo  
não havia no arrabalde:  
se muitas o requestavam,  
quantas e quantas de balde!

De mim se namorou elle,  
e foi o meu conversado...  
Nem quero agora lembrar-me  
d'esse tempo afortunado!

Aguas passadas... Mas era  
o mais gentil mocetão  
que pompeava na igreja,  
em domingos de funcção!

Não era a faixa encarnada,  
nem o chapelinho á moda,  
que, apezar meu, me faziam  
andar a cabeça á roda:

era aquelle seu donaire,  
aquelle olhar que matava;  
e depois aquelles modos  
com que os *bons dias* me dava.

E o nosso bom padre cura,  
que era homem de saber,  
dizia que era uma pena  
o rapaz não saber ler!

E disse-lhe até um dia:  
homem, quem sabe doutrina,  
como tu sabes, por certo  
que a dois priores ensina!

Pois quando elle se punha  
com certos contos dos seus!  
Era de a gente ficar  
mesmo tontinha, meu Deus!

E tive-lhe tanto affecto,  
que posso quasi dizer  
que mulher que assim lhe queira  
nunca em vida elle ha de ver!

Como eram coisas minhas,  
quebrou-se-me um dia o incanto,  
e aquelle ingrato esqueceu-se  
de quem era sua ha tanto!

Mas a culpa não foi d'elle:  
bruxa má lhe poz a vista;  
e ás bruxas de mau olhado  
inda não sei quem resista!

Se o rapaz tem umas glebas  
que elle sabe cultivar,  
não pasmo de que m'o tirem,  
e m'o queiram embruxar!

Mora ali ao pé do adro  
uma certa languisboia,  
que lhe namora os quinteiros  
e lhe prepara a tramoia...

Aquella rez d'uma figa  
não tem alma de mulher:  
faz negaças, mas o povo  
todo sabe o que ella quer.

E lá com as suas artes  
sempre ha de ver se lhe agrada,  
e se o tenta, como o sapo  
á doninha descuidada.

Que mulheres, — por mim falo —  
 não é coisa de invejar:  
 poucas ha que realmente  
 tenham alma para amar.

Se elle não toma cautela,  
 e se um dia a leva á igreja,  
 oxalá, mercê de Deus,  
 que bons fructos nunca veja!

Era quanto me faltava:  
 não só trahida e esquecida,  
 senão vel-o aqui tão perto  
 com outra passando a vida!

Eu não sou mulher de pragas:  
 mas, se o Diogo tal faz,  
 faço coração das tripas,  
 não sei do que sou capaz!

Talvez que entre a hostia e o calix,  
 á missa do meio dia,  
 eu rogue praga que á noiva  
 lhe tire toda a alegria!

Lá vai elle, tão janota  
 que parece da cidade!  
 Bem diz aquelle ditado  
 — falai no mau... — E é verdade.

Mas vejam como é ingrato,  
 que nem olhou para mim!  
 ai, quem diria as mudanças  
 que o tempo faria assim!

Nem hoje, dia de festa,  
 que vesti a saia branca,  
 com estas barras floridas,  
 com esta roda tão franca!

Cheguem-se a mim as fidalgas,  
 e verão quem é formosa!  
 Mas que importa a formosura  
 para quem é desditosa!

Nunca visto a saia branca  
 com esta barra de flores,  
 que me não venham á idea  
 os meus passados amores.

Na aldeia, 1870.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

Não póde allivios dar quem vive triste.

J. DE D.

## DE LISBOA AO PORTO

### Viagem marítima

O bolo appareceu; mas o rapazinho,  
 escondendo a cabeça no regaço da mamã,  
 redobrou o choro, continuando a gritar:

— Hi! hi! hi! não quero ir ao mar!  
 Estava decidido que nem a gulodice tinha  
 o poder de lhe fazer disfarçar o medo  
 que se apossara d'elle.

— A senhora não se sente incommodada?  
 continuou o homem do barrete de pelles.

— Por ora não, felizmente.

— Pois o barco já ginga; é verdade  
 que ainda não vamos á barra. Pena é que  
 lá em cima esteja tudo alagado, senão  
 havíamos de gozar lindos pontos de vista:  
 veríamos S. Julião e a torre do Bugio,  
 que parecem duas vedetas avançadas a  
 guardar o Tejo, e mais longe o Cabo da  
 Roca. Se o tempo não estivesse tão cas-  
 murro, havíamos de avistar tambem o cast-  
 ello da Penha. É uma formosa penha,  
 que se me afigura, sempre que a vejo, a  
 habitação d'uma aguiá real.

— Foi um feliz pensamento o de el-  
 rei D. Fernando em edificar n'aquelle  
 cume o seu castello feudal, interrompeu  
 o sr. Cazua. Tenho lido historia portu-  
 gueza, e sei que era ali aonde el-rei D.  
 Manuel ia todos os dias esperar o regresso  
 da frota do grande Vasco da Gama.

— É verdade; mas hoje já nenhum rei  
 de Portugal dirige as suas vistas para o  
 Oceano, porque não tem que esperar  
 d'ali coisa alguma. Tempo era o que já  
 foi; hoje Portugal nem sombra é do seu  
 grande vulto de outras eras, redarguiu  
 com certo emphase sentencioso o homem  
 de Guimarães. O senhor não enjôa?

— Sempre que embarco. Do Rio de Ja-  
 neiro para Lisboa foi uma lastima, tanto  
 eu como minha mulher; só as crianças  
 é que escaparam.

— Cá por mim nunca enjoei; pois é já  
 a quarta ou quinta vez que saio a barra.  
 D'aqui a pouco não faltará por ahí carga

ao mar. Um conselho, se m'ò permittem, meus senhores; quando começarem a estar incommodados o melhor de tudo é tomar ar.

— Pois o meu antigo patrão elogiava muito um remedio contra o enjôo.

— Qual? sr. Cazuzá; creio ser este o nome de v. s.<sup>a</sup>

— Um seu criado. Dizia elle que sempre se prevenia com pelles de bacalhau.

— Que remedio tão extravagante, pelles de bacalhau... Pois eu contra o enjôo não encontro remedio mais preconizado do que comer á farta; enjoar e tornar a comer. Não tardaremos muito em gozar d'um lindo espectáculo, veremos os cachorrinhos da barra; em breve estarão elles comnosco.

Dois passageiros desceram. Um d'elles, alto, trigueiro, mal encarado, mas trajando decentemente; o outro, ainda moço, baixo, de rosto sympathico e vestido com singeleza.

Vinham pallidos que nem defuntos.

O *Lisboa* já dançava soffrivelmente.

O rapazinho continuava com a sua caramunha do costume no regaço da brasileira.

Esta e a ilhóa recolheram-se aos seus beliches.

— Ó senhor moço, uma bacia.

O criado apresentou-se logo com uma bacia de lata, que poz aos pés do paciente.

O enjôo começava.

Segui o conselho do homem do barrete de pelles, subi á tolda a tomar ar.

(Continua)



### Caça do toiro

A gravura que acompanha este artigo representa a caça do toiro, feita pelo *laço*. É um dos actos de dextreza que caracterizam o homem, para o qual se requerem em subido gráu firmeza, perspicacia e sangue frio.

O *laço* é, pôde dizer-se, um grosso arame terminado por um nó corredio. Lançado com a mesma habilidade com que se solta uma funda, embaraça o ani-

mal, prendendo-o já pelas pontas já pelas pernas, e inutilizando lhe todos os meios de defeza.

Como se vê é uma lucta ouriçada de perigos, d'aquellas em que o homem brinca com a vida, expondo-a a peito descoberto. Valem-lhe os dotes de sagacidade e intelligencia que o fazem vencer e subjugar então efficazmente forças superiores.

## A ROSA

Cahiu-te a rosa do peito,  
 Apanhei-a : que mal fiz ?  
 Diz tua voz : «É defeito»,  
 Mas teu olhar contradiz.  
 E qual falla mais verdade,  
 Esse olhar, que é de amizade,  
 Ou a voz, que é do dever ?  
 Esse olhar, que me salvava,  
 Ou a voz, que condemnava  
 A minha esp'rança a morrer?...

Pois é crime possuir  
 Uma symbolica flor ?  
 Não me é dado a mim sentir,  
 Como a todos, um amor ?  
 Sou homem : este meu peito  
 Também póde render preito,  
 Póde amar, sentir também ;  
 Póde ter uma lembrança  
 Que lhe nutra doce esp'rança,  
 E esp'rança... que de ti vem !

E exprime tanto essa flor  
 Que do seio te cahiu !  
 É um protesto de amor,  
 Que o teu peito não mentiu.  
 Vi-a cair : apanhei-a,  
 E logo aos labios levei-a,  
 Palpitou-me o coração...  
 E senti que a flor dizia  
 Que o peito d'onde cahia  
 Palpitava de paixão !

Desde então continuo vejo  
 N'essa rosa o teu amor ;  
 Ella mata o meu desejo,  
 Julgo ver-te n'essa flor.  
 Seu perfume é teu aroma ;  
 E um céu de gozos assoma,  
 Se fito n'ella um olhar...  
 Não sei que immensa ventura  
 Me inunda, suave e pura,  
 Me faz até delirar!...

E disseste ser defeito  
 Guardal-a eu para mim !  
 Mas o arfar de teu peito  
 Me dizia : — Guarda-a, sim.  
 Eu guardei-a : tu córaste,  
 Mas córando suspiraste,  
 E não mais pediste a flor ;

E teu pulsar deu-me a vida :  
 Vi n'elle a esp'rança nascida,  
 Vi um protesto de amor !

ANTONIO DE MACEDO.

— C —

### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Os gitanos são effectivamente de uma raça que não se tem confundido com as diferentes nações onde se acham domiciliados ; — é um povo nomada disseminado por todo o mundo, que conserva o seu typo e os seus costumes. Como sabes, em o nosso Portugal chamam-lhe ciganos, em Hespanha gitanos, em Italia zingari, em França bohemios, egypcios, etc. ; agora qual a verdadeira origem d'aquella gente, e qual o motivo porque não se tem confundido com os povos onde ha tantos seculos habitam, creio que é caso pouco averiguado. — Lembro-me de ter lido, não sei aonde, que na idade media se attribuia esta vida nomada dos ciganos a uma penitencia que andavam cumprindo. Seja como for, a ciganita da estalagem de Santa Luzia não era desengraçada, e o cigano também estava bem vestido no estylo a que chamam em Hespanha — *de Mago*, jaleca muito enfeitada de botões, *sambbrero catalañez* e calça larga também adornada de botões, aberta na extremidade, e polaina por baixo da calça. Travei ali conversação com o rapaz, pedindo-lhe uma viola franceza, que elle tinha pendurada, para a experimentar. Da porta da estalagem via-se bem a fachada da cathedral, que é um bello edificio no estylo de renascença, e notando eu os elegantes ornamentos das janellas das torres, procurei desenhar uma d'ellas no meu album, ao que o moço cigano prestou a maior attenção (Estampa 8.<sup>a</sup>).

Procurei depois as pessoas a quem ia recommendado, e com D. Caetano Camate, digno empregado da Intendencia militar d'aquelle Districto, me dirigi a ver a cidade, que achei, como já disse, alegre,

encontrando-se muitas senhoras pelas ruas, o que não succede no Alemtejo.



Vi a casa dos expostos, e um grande quartelamento, cuja construcção n'aquella época se estava concluindo, o passeio publico, e n'essa noite aquelle cavalheiro me conduziu ao theatro, onde havia Companhia Italiana.

Dava-se Romeu e Julietta, em que fazia a parte de Romeu a sr.<sup>a</sup> Persoli, conhecida em o nosso theatro de S. Carlos, e entravam os srs. Patriossi e irmã: cantaram muito soffrivelmente para um theatro da provincia, e passei uma noite agradável.

No dia seguinte fui apresentado em casa de um artista, o sr. de Campomanes, pintor de retratos, que ali vivia com muita decencia, tendo até um bello estudo onde se occupava de trabalhos da sua arte.

O sr. de Campomanes não estava em Badajoz; porém sua esposa muito me obsequiou, assim como um cavalheiro de suas relações, D. Rafael de Cabezas, que me recommendou para Madrid.—Contava-se d'este cavalheiro que havia estudado o desenho depois de viuvo só com o fim de poder fazer por sua mão o retrato de sua esposa, cuja morte o deixara extremamente impressionado.

Havia n'esse tempo em Badajoz um portuguez, homem ali muito conhecido, D. Manuel do Espirito Santo, a quem eu fui recommendado, e d'elle colhi todos os esclarecimentos necessarios para poder seguir viagem para Madrid.

Em uma das noites que passei em Badajoz, depois de me ter recolhido ao meu quarto, e de ter fechado á chave a minha porta, comecei a sentir passos no corredor contiguo, como de alguem que procurava fazer a menor bulha possivel; ouvi depois falar baixinho, e confesso-te que fiquei sem pinga de sangue, lembrei-me de mil casos de roubos e assassinatos, e quasi toda a noite passei assustado, apesar de que certas risadas abafadas, que mais tarde ouvi, me fizeram suppôr que o negocio era mais de amores do que de roubo.

D. Manuel do Espirito Santo, a quem depois perguntei se conviria mudar de estalagem, respondeu-me que aquella gente era fiel — *son gitanos pero son honraditos*, e assim fiquei mais descansado.

Passei outra noite em casa de D. Caetano Camate, aonde fui muito bem recebido por sua esposa, senhora n'ui bem educada e que fallava perfeitamente portuguez por ser natural de Olivença, cidade que foi nossa, e aonde os habitantes timbram em falar portuguez correntemente. Conbeci então que a convivencia em Badajoz é agradável, e que os costumes são quasi os mesmos que os nossos;—jogou-se o voltarete de tres, a que chamam trezilho — e tive de ir acompanhar a sua casa umas senhoras que ali estiveram de visita, o que é sempre costume.

No dia seguinte tratei de mandar para Madrid a minha bagagem, por galera, por isso que a *cilla correo* ou malla-posta não podia encarregar-se de grandes volumes, e o transporte sabiria muito caro, visto eu levar comigo um caixote grande com a fórma de uma estatueta que havia modelado.

Procurei o agente d'esses transportes, que achei extremamente devoto.

Na occasião em que cheguei a sua casa estava o bom do homem rezando o Terço com a sua familia, e esperei que concluísse a sua reza e depois tratei do meu negocio. Este homem, que me recebeu com muita amabilidade, reparando que eu prestava muita attenção aos diferentes quadros, e imagens em vulto, de santos que tinha no seu Gabinete, teve a delicadeza de me mostrar algumas, que na verdade eram de bella esculptura, e diferentes quadros de sua devoção: — já pouco costumado a ver gente d'este typo, fez-me esta casa recordar a minha infancia e os usos da casa de meus paes e d'algumas familias que tratei n'outro tempo. Não sei se o homem era devoto falso ou verdadeiro, mas o que é certo é que não fiz máu conceito d'elle.

N'essa noute uma senhora, que se achava então em Badajoz hospedada em casa de D. Manuel do Espirito Santo, por nome Dolores Leal, teve a bondade de recomendar-me a umas amigas suas de Madrid, dizendo-me que d'ali a poucos dias tambem partiria para aquella capital, e que as suas amigas que tinham ali casa de *pupilos* (d'hospedes) me receberiam muito bem, e eu estaria n'essa casa com todo o commodo, e gastando menos do que n'uma Fonda (hotel).

Tratei de preparar-me para a partida, logo que pude obter bilhete para a *cilla correo* para Madrid, e não posso deixar de recordar-me de uma circumstancia que me deu sempre que pensar em toda a viagem.

Havia na Póveda dos Gitanos um homem, que chamava curador, que tratava de accommodar as cavalgadas, receber o

dinheiro dos passageiros, fazer as contas de casa etc. Este homem, que não era gitano, pareceu sympathisar comigo; era alto e de aspecto carregado, calçando cendalhas como usam os Aragonesez, e muitas vezes os viandantes em Hespanha e até a tropa em jornada; e a pezar do seu todo, que n'uma estrada a sós poderia fazer recear muito pela bolsa, e até pela vida de um passageiro, explicava-se em bom castelhano, e parecia ter tido alguma educação. Perguntou-me se eu era emigrado, e respondendo-lhe negativamente, conversou comigo por algum tempo, ácerca de diferentes occasiões em que por ali tinham passado emigrados portuguezes, e quando tratei de pagar-lhe a despeza que tinha feito na estalagem, ao despedir-se de mim, disse-me *Pues señor vaya V. con Dios; aun que V. me véa aqui en una ocupacion tan baja, puede V. creer que algo valgo, y le doy a V. my nombre para que lo invoque si V. en su riage a Madrid le succede algun encuentro peligroso... my nombre es Manoel O....*

Escrevi o seu nome no meu livro de lembranças, agradeçi-lhe o interesse que parecia tomar por mim, e nunca pude comprehender bem o sentido das suas palavras porque felizmente não tive occasião para isso; comtudo sempre fiquei imaginando que aquelle homem era pelo menos chefe de algum bando de contrabandistas.

(Continua) M. M. BORDALLO PINHEIRO.

### Charada 17.<sup>a</sup>

Boa para a sobremeza. — 2  
Muito bom prato de meio — 2

Venha assada com recheio.

P. C.

Explicação das charadas do numero antecedente

15.<sup>a</sup> Vigario — 16.<sup>a</sup> Eremita.



# RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 14

Julho

1870



## CARTAS FAMILIARES

### II

Passos Manuel

.... ego postera  
Crescam laude recens...  
HOR.

Meu amigo. Trouxe-nos o correio n'um dos ultimos dias uma noticia bem desagradavel, pelo menos para os que amam a nossa terra, e vêem descer á sepultura no vigor da idade os seus melhores ornamentos. Deve saber que alludo á morte de Manuel Passos, um dos caudilhos mais notaveis do partido liberal, e que, sendo chefe d'uma facção, escuta na campá ainda meio cerrada os gemidos de todas, a voz plangente da patria, que deplora a perda d'um filho benemerito.

A simples noticia da morte d'este homem é um facto notavel, e resume em si um necrologio inteiro. Ha nomes assim. Valem um capitulo da historia; e basta enuncial-os, que despertam logo ideas grandes.

Filho do povo, enterrou-se com o nome herdado de seus paes e o peito limpo de condecorações. A revolução fel-o seu chefe; concedeu titulos e honras como rei, mas nunca mascarou o appellido honrado de familia com a vaidade pueril de tantos homens de hoje. É este o seu maximo elogio.

Manuel Passos foi dos poucos homens que nas nossas lutas da liberdade fazem lembrar os vultos austeros das republicas antigas. O povo não teve tribuno mais audaz, conselheiro mais leal, nem procura-

dor mais zeloso. Como Graccho sustentou impavido nos comicios os foros e regalias populares, e como Franklin serviu constante a philosophia que esclarece e a civilisação que regula o progresso da humanidade. Este juizo ha de o registar a historia um dia, quando o tempo tiver esmagado nas rodas do seu carro as paixões dos seus contemporaneos. A vida para o homem grande é um campo de batalha; o fumo denso das paixões que se agitam entenebrece-lhe o vulto: quando morre, o tumulto ainda lhe é penumbra; mas o nome, que fica por herança ás gerações futuras, é para estas muitas vezes a columna de fogo que as dirige no caminho da verdade.

Pagam todos os seculos pesado tributo de guerras e revoluções, porque a discordia parece ser a feição predominante das sociedades. Rompe a alliança dos povos, quebra a união das familias, e, se Prometheu roubou o fogo do céu para animar a estatua, ella, mais poderosa, arma o braço do homem com o raio da morte. Ultrapassa porém o seculo XIX talvez os seus predecessores, pois por pouco que lhe folheemos a historia, os dedos se nos mancham de sangue; e sangue escorre a mesma pagina em que hoje vamos envolvidos.

D'este cataclysmo surgia para nós a aurora da redempção, e com preço de altos sacrificios se levantou em terra portugueza o edificio da liberdade. Rasgaram-se-lhe profundos os alicerces em 1820; lançou-se-lhe a primeira pedra em 1834; coroou-lhe nobremente a cupula o ultimo reinado. Está consummada a obra!

Comtudo os obreiros vão rareando, os monarchas constitucionaes, estes simples reaes que modelaram o monumento, desaparecem; mas o edificio já não desaba, porque a argamassa solidificou, amassada com o sangue de martyres e endurecida com os ventos das discussões.

Foi n'este cyclo memoravel que sobre-sahi Manuel Passos. Tendo nascido nos principios d'este seculo, a revolução de 20 encontrou-o na idade florescente de 19 annos e no curso universitario de Leis. Fez-se logo seu adepto, e juntamente com seu irmão José redigiu o jornal *Amigo do povo*, que advogava os principios liberaes. Sofreu a expatriação no governo de D. Miguel, e no reinado de D. Maria II distinguu-se nas duas revoluções de 36 e 46. O seu logar foi sempre ao lado do povo, a sua causa a do bem. Queria o povo livre e a realza presidindo aos seus destinos, e d'esta maneira alliava as tradições monarchicas com os santos principios da liberdade; e assim na tentativa de Belem foi elle que sustentou a coroa na cabeça da Rainha, mantendo com firmeza os direitos populares.

Este homem foi ministro só uma vez e por pouco tempo; mas foi o unico ministro que seguiu as pisadas de Mousinho da Silveira. Pela sua iniciativa abriram-se academias, escholas e museus, e decretaram-se muitas leis importantissimas.

A sua actividade ingenita inclinava-o sempre para o bem, e quando depois da guerra fratricida de 34 se depozeram as armas, elle depoz também os odios e nas côrtes advogou com energia a causa dos vencidos, conquistando com este generoso procedimento a estima e gratidão indelevel dos seus contrarios.

Seria prolixo e extenso se lhe expozesse tudo o que sei e tudo o que penso d'este homem extraordinario. Era chefe d'um partido, e d'aquelle que toma por fito o progresso, por divisa a liberdade; e entre os seus era realmente o primeiro, porque ninguem o excedia na sinceridade e nos esforços com que concorreu para a reali-

sação d'aquelles dois principios. Morreu, e n'esta hora solemne, em que morre também todo o prestígio pessoal, a tribuna faz-lhe o panegyrico, que a imprensa ratifica. E o povo no seu admiravel iustincto, com que conhece os que lhe são fieis, orvalha-lhe o ataude com as lagrimas, murmurando nos templos as ultimas preces christãs. Esta homenagem posthuma é o seu elogio, e raros archiva a historia d'estes epitaphios.

1862.

A. A. DA FONSECA PINTO.

---

### IMPOSSIVEL!

Não te poder amar... que dôr, que pena!  
Ter já no peito o coração extinto,  
E o desalento n'alma, exhausta e fria...  
Meu Deus, que pena eu sinto!

Mas posso eu inda amar-te? E posso acaso  
Dar-te um sorriso meu, dar-te uma esperança?...  
Ai! não te illudas, não! Fogge-me, fogge  
De mim, gentil criança!

Borboleta inexperta, eu pude apenas  
Soltar as azas ao calor da vida;  
Mas cedo o fogo me crestou: meu seio  
É cinza arrefecida!

Eu busquei um amor ardente, immenso  
Como a área sem fim de meus anhelos...  
Fantasias em vão: sonhos inuteis,  
Embora sonhos bellos!

E n'essa lucta fatiguei minha alma,  
No louco aneio, no aspirar sem termo;  
Hoje pesa-me a vida, como pesa  
A quem padece enfermo!

Hoje sinto o cansaço, o tédio enorme  
De quem não sabe que fazer no mundo;  
Por isso os cantos meus são hoje tristes,  
São ais d'um moribundo!

.....  
.....  
E agora vinhas tu, graciosa e meiga,  
Com teu riso d'amor, com teus carinhos!  
Em vez da grata flor de laranja  
Tenho c'rôa de espinhos!

Tua fronte é mimosa : não, não queiras  
Que eu a cinja de rispídos abrolhos !  
Tens a ventura no sorrir fagueiro,  
Tens a esp'rança nos olhos ;

És alegre e feliz, ri-te o futuro,  
E a mim causa-me horror, se n'elle scismo...  
É impossivel pois que nos amemos :  
Ha entre nós o abysmo !

Junho de 1870.

LUIZ CARLOS.

### Perturbação da marcha humana pelos extremos religiosos

Mais alto que a voz do homem se eleva a voz da humanidade ; superiores ás questões de momento correm os debates universaes, que tendem ao progresso e á civilização geral.

Tambem acima do tempo e do espaço limitados estão o infinito e a immensidade, e sobre além da conquista humana se estendem os dilatados imperios de Deus.

Por absolutas e theoreticas, nem por isso estas e outras verdades têm uma applicação menos directa e pratica á vida das sociedades.

Quem não crê em Deus, ou quem n'elle crê com falsa exaggeração de sentimentos, quasi se avista no mesmo ponto, — onde se achou seguindo diverso rumo, mas trilhando caminhos do mesmo modo errados. O fanatismo e a impiedade darão as mãos, porque os extremos se encontram.

A verdade, vacillando entre um abysmo absurdo e um abysmo atheu, terá de lutar antes que a sua luz clara e vivida dissipe as trevas e destrua os erros.

Quem não crê na vida da humanidade é porque esquece a acção da intelligencia fecundada pela acção do tempo ; é porque não vê a lei moral dominando sempre, sempre victoriosa.

As questões de momento ou de transição, os palliativos, as emendas secundarias, as deliberações imperfeitas, sem alcance e como que a medo e sem convicção: eis os grandes actos de coragem d'aquel-

les que não vêem ou não comprehendem a historia, e que no presente nem mesmo presentem o movimento adquirido pelas sociedades modernas, e que as impelle desasombradamente para o futuro, em busca de novos elementos verdadeiros, regeneradores do homem e sua grande familia.

Por outro lado os que acreditam em Deus vingador, em Christo intolerante, na igreja absoluta e na religião exclusiva, quasi tyrannica, assemelham-se bem aos que negam a existencia da Divindade, que duvidam da caridade christã, que não respeitam a sublimidade da igreja, e para quem a religião pouco vale, com tanto que vivam e que no mundo achem gozo e prazer.

Crer na vingança divina tanto importa como duvidar da existencia do autor de todas as crenças, do creador de todos os seres ; — acreditar na intolerancia de Christo ou duvidar do supremo bem da caridade, que foi o seu verbo, a sua vida e o seu martyrio, tocam-se igualmente. Ver na igreja o absolutismo das ideas equivale a não lhe reconhecer força nem poder. Assim os que se dobram e curvam perante o despotismo d'uma religião, mal interpretada e mal ensinada, não estão longe de darem o abraço de reconciliação n'aquelles que suppõem qualquer religião (e mesmo nenhuma) bastante para acudir ás necessidades humanas. É ver os resultados e decidir... Incuria, erro e trevas eis o cortejo que os cerca. Incuria, erro e trevas eis o seu viver, eis a lei que os dirige, eis a herança que vão ainda legando ás gerações.

As sociedades porém que se transformam, illuminadas, do mesmo modo que a natureza é inintelligente, por um sol radiante que sorri das trevas, ás gerações actuaes farão succeder novas gerações, as gerações do futuro ; e á noite sombria dos erros o dia claro e brilhante das grandes verdades. Não se vive nem tão pouco se morre de balde. Os seculos apenas são minutos no decorrer da eternidade ; mas

a obra do homem não pode deixar de ser a obra de Deus.

Curvae-vos a ella, cegos! Vêde-a, reverênciae-a, supersticiosos! impios! fanaticos e atheus!

Amæe sobre tudo a Deus e amæe-vos ao mesmo tempo como irmãos.

Vêde na marcha da civilisação — que eguala todos os homens — o dedo do Ente Supremo e a sua obra; vêde nos homens, em todos esses irmãos que elle vos deu, os artistas, os executores d'essa grande obra.

Pensae, meditaee; mas se não podeis convencer-vos, se a idade, os habitos, a educação, as conveniencias ou as varias circumstancias da vida vos não deixam ver a luz sem ferir-vos os olhos, não vos levanteis ao menos phreneticos, irados, obstinados! Sêde ao menos prudentes e reservados; não perturbeis as consciencias que desabrocham.

Lisboa, 1867.

P. RÓXA.

## Julho

Aret ager.  
VIRG.

Os effeitos anormaes do mez de Junho continuam n'este mez.

Corria o anno criador; fôra temperado o inverno, a primavera fresquissima, e tudo conspirava para uma abundante fertilidade, que satisfizesse aos ricos e aditasse os pobres. Mas o estio sobreveio prematuro e ardentissimo, e impera despótico com vara de ferro, tornando real o dito do propheta: *rege eos in virga ferrea*.

Por dois largos mezes já vai durando a dictadura do calor, e eis-nos litteralmente convertidos em salamandras que se revolvem em lagos de fogo. Vê-se que tinha Virgilio razão no preceito que dava ao agricultor:

Nudus ara, sere nudus.

Ora n'este mez é que os egypcios cele-

bravam a festa da inundação do Nilo, que lhes dava viçosas searas; e nós desgraçadamente vemos o Mondego atulhado de arêas e reduzido a um tenue fio de prata, que nem sequer chega para barquinhos de cortiça dos rapazes! É realmente extraordinaria e deploravel a crise atmosphérica que nos persegue!

Entretanto houve um armistício; ainda que pequeno, durante os festejos da Rainha Santa Izabel. Este nome, tão sympathico para a cidade de Cindazunda, foi bastãnte poderoso para adoçar momentaneamente os rigores da estação, e a solemnidade celebrou-se com um tempo ameno. No dia 10 houve a procissão que conduziu em triumpho a veneranda imagem por entre ondas de povo. O céu vestira todas as suas gaias, como que congratulando-se com a terra n'este acto religioso. Não incommodava o calor que abrazara nos dias anteriores; fulgia o sol com toda a magestade, mas os zephiros brincões lhe mitigavam a intensidade dos raios. Depois de recolhido o cortejo choveu copiosamente, e por dois ou tres dias refrescou a temperatura.

Entre os romanos no computo de Romulo era este mez o quinto, e por isso foi denominado *Quintilis*, nome que conservou até ao tempo de C. Julio Cesar, em que para memorar os seus serviços na reforma que fez do calendario ordenou o consul M. Antonio que se chamasse *Julius*. O seu signo é o *Leão*; e as festas que antigamente se faziam eram muitas e importantes, entre as quaes devemos mencionar as chamadas *Ambarvalia*, de que nos fala Virgilio nas *Eclogas* e nas *Georgicas*.

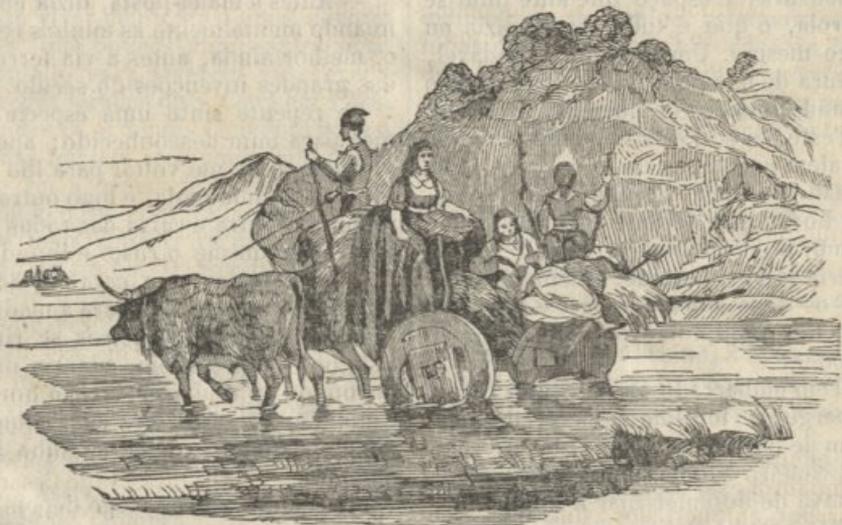
Como propria d'este mez apresentamos uma estampa, copia d'um quadro do excellento pintor, Thomaz José da Annunção, e que representa a *Volta do trabalho*. É primoroso o grupo, cheio de verdade e rescedente de poesia. A occasião é depois do sol pôsto, ás horas do crepusculo, e mostra uma das scenas da vida rural que mais desperta atenções e sympathias. Um carro puxado a bois atra-

vessa um riacho carregado de feno de boa seara e com tres ceifeiras graciosamente reunidas; o carreiro guia os pacificos animaes. Todos revelam no gesto e na postura que fôra o dia fadigoso, e que só esperam o descanso no seu casalinho da aldeia.

Quando os calores do verão são tão fortes como os do corrente anno, é muito de receiar que n'este mez se desenvolvam phenomenos electricos extraordinarios. As tempestades são por vezes terriveis e espantosas: dentro de poucos minutos o

cultivador vê perdido todo o fructo do seu trabalho; toda a colheita sobre que contava para pagamento das rendas, decimas, e sustentação da mulher e dos filhos é destruida e aniquilada, o granizo derrubou tudo!... Em seguida sobrem o vendaval que arranca arvores seculares. ou medonhas trovoadas que encham de terror causando immensos prejuizos!

Mas a misericordia de Deus é grande, e após os dias de provação ha de voltar de certo a serenidade ao tempo e o allivio aos corações. M.



## DE LISBOA AO PORTO

Viagem marítima

II

### O enjão

Tinham decorrido pouco mais ou menos cinco minutos que eu passeava no convés aspirando a brisa do mar; os passageiros conversavam junto da amurada; o piloto occupava o seu posto, e via-se em cima da caixa das rodas, passeando de um para o outro lado, o capitão, homem baixo e repleto, com um chapéu embreado na cabeça e vestido d'um casacão

de grosso briche, que lhe descia até aos calcanhares; completavam tudo isto umas grandes botas que lhe subiam acima da curva da perna. Faltava-lhe apenas o chapéu armado, porque, se cruzasse os braços, seria a parodia viva do grande homem das campanhas de 1815.

— Lá estão elles! exclamou uma voz.

Procurei d'onde ella vinha: era o homem do barrete de pelles quem tinha soltado a exclamação.

— Lá estão elles! lá estão os cachorrinhos da barra; como são encaracoladinhos! gritava o homem de Guimarães.

Cheguei-me para um grupo que se tinha formado a estibordo, e olhei.

As ondas precipitavam-se umas após outras, crescendo e agigantando-se para depois se quebrarem nos penhascos dispersos á quem e álem, rebentando e desfazendo-se em espuma leitosa ao correr da praia.

Á proporção que o *Lisboa* navegava, o mar vasto e immenso parecia vir de longe, e crescia ameaçando-nos tragar; ora descia ora se alevantava a uma altura incrível.

Que grande e magestoso espectáculo!

«O mar, o oceano, estas aguas verdes que correm e bravejam lá ao longe, o incommensuravel espaço que ante mim se desenrola, o que é tudo isto?! dizia eu comigo mesmo. Um abysmo insondavel, sepultura de não poucas riquezas, tumulo de grande numero de homens. Aqui, em face d'este pego, d'esta immensa voragem que valem grandezas da terra, se é nulla a vontade humana?!... E quando sereno, n'esta hora, mar de leite, como elles lhe chamam, o oceano impõe respeito, o que não seria se a tempestade, rebentando com todos os seus horrores, accossasse este barco, tão fragil então para se oppôr ao seu poder?»

— Tem embarcado muitas vezes?

A pergunta fôra-me endereçada pelo homem de barrete de pelles, que era sempre o primeiro a tomar a iniciativa quando se tratava de desferrujar a lingua.

— Não, senhor; é a primeira vez que saio a barra.

— Olé! então deve pagar a patente.

— A patente não tardará este senhor em pagar, atalhou d'ali o minhoto, com o incommodo que ha de soffrer. Que o diga eu, que desde o Rio de Janeiro até Lisboa não fiz outra coisa senão enjoar.

— Diga antes que veio sempre a contar de... zoi... to, de... zoi... to, de... zoi... to!

E juntou a estas palavras o gesto de quem houvesse tomado um emetico que lhe começasse então a produzir effeito.

Uma gargalhada de todo o grupo acolheu este dito *chistoso* do homem do barrete de pelles.

Tambem me ri por comprazer e para

que me não chamassem casmurro. Ando sempre aparentemente a contento das turbas, não lhe antepondo entretanto a dignidade pessoal, e dou-me bem com o systema, se é systema o que talvez proceda de organização especial.

Fui sentar-me.

O mar agora estava cavado; e as vagas tumultuosas, mais pequenas aqui, quebrando-se nos costados do vapor, maiores além e crescendo; enchiam de pavor a quem pela primeira vez se via á discripção de tão poderoso elemento.

— Antes a malla-posta, dizia eu, continuando mentalmente as minhas reflexões, e, melhor ainda, antes a via ferrea, uma das grandes invenções do seculo.

De repente sinto uma especie de rumor para mim desconhecido; apenas tenho tempo de me voltár para lhe indagar a causa, e uma onda, e logo outra, vindo rebentar contra a caixa das rodas do *Lisboa*, açoutam-me o rosto e inundam-me.

— Olá! já lavou a cara? quão cedo! era melhor deixar isso para a madrugada.

Nenhum dos passageiros se riu; mas indignou-me o gracejo, e lancei um olhar furibundo ao *espirituosissimo* homem de Guimarães; porque era elle, como o leitor pôde suppôr, quem me tinha dirigido a chufa.

Felizmente que eu, logo depois de embarcar, envergara um casaco de panno grosso por cima do frak, e tratei logo de o despir ficando enxuto.

(Continua)

M.

— 0 —

## D. MARGARIDA DE MENEZES

IV

Todos os santos tiveram a sua epocha, S. Theotónio em Portugal, S. Domingos em Hespanha e S. Francisco em Italia; todos viram, como por encanto, desenvolver-se o progresso das ordens que fundaram. Mas d'estes tres foi S. Francisco que mais vantagens colheu, porque não só reuniu em volta de si todo o povo, mas

tornou-se senhor da consciencia dos monarchas pelo confessorario, e chegou o rigor d'estes a tal ponto, que trocaram as brilhantes armaduras de soldados e até as vestes regias pelo grosseiro e pardo burel franciscano.

S. Luiz, rei de França, com muitos nobres da sua côrte, e entre nós o senhor D. Sancho II, não só se cobriram com elle em vida, mas quizeram que lhes servisse de mortalha.

Percorria o reino o senhor D. Affonso III, e entrou na cidade de Lamego. Ali é testemunha do viver penitente d'umas devotas mulheres, que poucos annos antes se tinham jentado para viverem vida exemplar na regra serafica de S. Clara em 1254.

Alexandre IV, e depois Clemente IV, nas suas bullas haviam recommendado muito ao novo rei a ordem franciscana; e até por gratidão o rei o devera fazer, pois fora esta que mais concorrera para a injusta deposição do senhor D. Sancho II.

O rei viu o acanhado do hospicio e pobreza d'elle, resolveu fundar na sua côrte, que então era em Santarem, um mosteiro, e quatro annos depois, em 1259, estas devotas mulheres portuguezas eram recolhidas n'elle para viverem vida toda penitente na rigorosa observancia do Patriarcha d'Assis.

A cidade de Coimbra quiz ser das primeiras em asyalar as virtuosas filhas da matriarcha Clara: D. Maior Dias, senhora nobilissima e da mais alta prosapia da cidade, filha de D. Vicente Dias e de D. Bona Pires, irmã da senhora de Atouguaia, D. Joana Dias (1), dama do Paço da rainha D. Brites, mulher do senhor D. Af-

fonso III, recolhida nas donas de S. João, funda um mosteiro de donas ou emparedadas, em honra de S. Izabel, rainha de Hungria, e de S. Clara.

Aos 13 de Abril de 1283 lhe concede licença D. João Martins de Soalhães, vigario geral de Coimbra, e depois bispo de Lisboa e arcebispo de Braga, e a 28 de Abril de 1286 o mesmo vigario geral lança solemnemente a primeira pedra sobre um anel de oiro em que estava gravado o signal da cruz.

Junto da ponte, monumental obra emmanuelina, se fundou este mosteiro de filhas de S. Clara em herdades da fundadora, e logo o dotou com o padroado de quatro igrejas, setenta e um casaes, alguns moinhos, olivedos, vinhas e hortas, etc.

D. Maior Dias não sahio só; algumas donas quizeram acompanhal-a para a nova fundação, trocando de bom grado o alvo habito de Theotónio pelo burel e esparto franciscano. Além d'estas outras religiosas vieram dos mosteiros, que se tinham fundado no reino, a associarem-se a estas donas, elegendo para primeira vigaria D. Sancha Lourenço, senhora de grandes virtudes.

Dissabores bem amargos teve D. Maior Dias com a fundação do seu mosteiro. «Este acto de devoção, diz o sr. Figanière, em vez de lhe trazer a segurança que esperava veiu a ter consequencias de

AQVI JAZ DOM FERNÃO FRRZ CO  
GVMINHO SENHOR DE CHAVES E  
ALCAIDE MÔR DE COIMBRA E JOANA  
DIZ COGVMINHO OS QVAES DEIXA  
RAM..... DO AZAMBVJAL  
E DVAS MJL LIVRAS..... CÔ  
VENTO SAM OBRIGADOS A DIZER  
EM CADA HVV ANO DOVS ANIVE  
SAIROS E CADA DIA HVÁ MISSA  
PERA SEMPRE POR SVAS AL  
MAS: ELLA SE FINOV APOS ELLE  
NO ANO DO SÔR M.CCC.LXXVII . . .

Existe uma outra inscripção, que diz quem mandou fazer estas sepulturas, e que por brevidade d'este artigo omitimos.

(Nota do Autor).

(1) Esta senhora foi casada com D. Fernando Fernandes Cogominho, senhor de Chaves e Alcaide-Mór de Coimbra. Estão em sepultura levantada, na igreja de S. Cruz á entrada da porta. O senhor D. Manuel, quando lhe mandou fazer esta sepultura, disse: *que pois tinham por armas cinco chaves de prata em aspa, estivessem á porta da igreja.*

Tem esta sepultura dois brazões, Atougias e Cogominhos, com epitaphio gravado em letra allemã floreteada, e reza assim:

summa gravidade para D. Maior Dias. Os conegos de S. Cruz, quando viram que ella edificava um convento de outra ordem, tomados de ira e cubiçosos das riquezas que possuia esta senhora, pretenderam embargar ás obras, apoiando-se em uma falsidade, que a tanto montava o insistirem em que D. Maior Dias era professa na ordem canonica de S. Cruz, e que por tanto não podia dispor dos seus bens »

E mais longe os seus desejos ambiciosos levaram os padres; não só impediram que professasse, mas serviram-se da, n'aquelle tempo, terrivel arma da excomunição, fulminada contra a boa senhora por querer sustentar, como sustentou, o seu direito.

Fizeram-se esquecidos os padres de S. Cruz da protestaço que D. Maior fez na sua entrada para S. João das Donas. Tinha ella dito: «que, tomando o habito de Dona de S. Cruz, nem por isso entregava sua pessoa ou bens havidos e por haver ao mosteiro ou religião alguma; mas que tudo reservada em a sua liberdade para dispôr pelo tempo adiante, ou na vida, ou por morte, como bem lhe parecesse: e que só vestia o habito de Dona de S. Cruz, para viver entre ellas mais segura, 1250.»

A idade e o soffrimento pelos desgosto que a acompanharam durante a vida a mataram, e acabou os seus dias bem amargos nos braços das suas freiras aos 12 de Fevereiro de 1302.

A sua ultima vontade foi cumprida, o corpo foi sepultado na igreja em sepultura raza, como a mais pobre e humilde creatura. Anos depois soffreu mudança para a parede da casa do capitulo velho, e para que de todo não esquecesse o sitio onde repousavam os ossos da sua funda-

dora, collocaram a seguinte inscripção em uma pedra branca, que pouco mais teria do que um palmo:

SECUNDO IDVS FEBRVARII OBIIT  
DOMNA MAIOR DIDACI. QVAE IACET.  
IN HOC TVMVLO. QVAE FECIT  
ISTVD MONASTERIVM. CVIVS ANIMA  
REQVIESCAT IN PACE. AMEN.  
ERA M. CCC. XXXIX.

Descuido por certo houve no abridor d'esta inscripção, pois que lhe tirou um anno; a era christã marca 1340.

Não deixei de notar que as freiras na sua mudança para o monte da Esperança se esquecessem dos ossos da sua fundadora: ficaram na casa do capitulo, para serem guardados pelo Mondego.

(Continua) A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

### EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. Assignantes de fóra de Coimbra, ainda em debito do 1.º trimestre d'este jornal, o favor de satisfazerem as suas assignaturas. E tambem aos que se dignarem continuar a coadjuvarnos, que mandem de novo satisfazer a importancia respectiva ao tempo por que assignarem, não só para sabermos quem são os nossos actuaes assignantes, mas tambem para que estes não soffram interrupção na remessa do jornal.

### Charada 18.ª

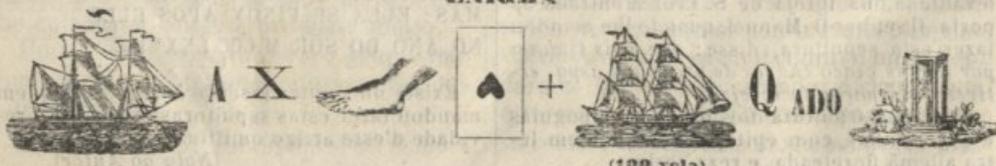
Porque não pôde andar mais — 2  
É medida hoje importante. — 2

Qual deverá ser constante,  
Se este pôde variar?! P. C.

Explicação da charada do n.º antecedente

17.ª — Passarola.

### ENIGMA



(100 vels)

# RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS

N.º 15

Julho

1870



## CARTAS FAMILIARES

### III

#### O mar

O mar, o mar, que em sua furia brava  
Ninguém domina com servil grilhão!  
SOARES DE PASSOS.

Meu Amigo. Accusou-me a recepção da minha carta de 7 com tal delicadeza, que ao mesmo tempo que me obriga a escrever-lhe de novo, confunde-me de modo que não sei o que hei de dizer-lhe. Pedi-lhe que nos viesse fazer companhia; e, privando-nos da sua amabilissima convivencia, impõe-me ainda em cima a tarefa de mais escripta. Escrever-lhe-ei pois, mas sómente em termos que consiga ainda attrahil-o a estas praias.

N'uma terra maritima e no mez de setembro só convem falar do mar e dos banhos. São as novidades que mais nos respeitam, a nós que no resto do anno nem vemos o mar nem tomamos os seus banhos. E é isto o que nos move as attentões, porque o mar desperta a imaginação e os banhos retemperam a saude.

Colloquemos o homem nos campos, ouvindo o ramalhar das arvores ou o murmurio dos arroios, e elle nos comporá idyllios, doces canções afinadas pela brandura e amenidade da vida campestre. Levemol-o aos montes, e nos seus cumes mais altos aproximemol-o dos céus; darnos-ha um hymno, todo repassado de profunda uncção religiosa. Internemol-o nas cidades e nos gozos da civilisação social, e em regrados epodos nos descreverá as maravilhas do ingenho humano. Mas po-

nhamol-o nas aguas com um abysmo sob os pés e outro sobre a cabeça, e elle nos entoará uma epopea, sublime como os céus e profunda como os mares.

Nem os prados com as suas innumeradas plantas, nem os céus com myriades de estrellas, nem as capitaes com os portentos da industria arrancam do homem grito mais energico do que o revolto oceano. Lêem-se Theocrito e Gessner, Horacio e Dellile, mas esquecem; só Homero e Virgilio e Camões, que cantaram a navegação, lembram sempre. Decoram-se os seus versos e passam tradicionalmente de geração em geração, eternizando na memoria dos povos o maior dos nossos feitos, que foi e será sempre a conquista do mar.

Laborioso é sempre o officio do homem; o trabalho foi o seu destino. Com este motor tem caminhado constante a despeito de todos os obstaculos, e tem vencido as mais tenazes e porfiadas resistencias. Como os Titães devassou o Olympo; não sotopoz montes sobre montes para subir, mas aproximou o firmamento da terra, e fez descer os astros medindo-lhes a distancia, e calculando-lhes a velocidade dos raios. Roubou o fogo do céu como Prometheu, e illuminou a noite acudindo á ausencia do sol. Como Theseu penetrou nas entranhas da terra, e tenta ainda como Dedalo invadir os ares. Por toda a parte estende o sceptro da sua intelligencia e domina como rei supremo.

Mas o mar é o elemento que o homem tem encontrado mais indocil; todas as descobertas e inventos foram ou tornaram-se pacificos, e o oceano luta sempre.

Insociavel por natureza, indomito de character, é um inimigo implacavel, que ainda hoje e sempre ha de custar caro a toda a humanidade. O homem atravessalhe a superficie, sonda-lhe o abysmo, mas nunca o subjuga; são innumerós os naufragos que em todos os tempos têm sido victimas das suas furias.

Eis o que é o mar, typo do homem e emblema da liberdade. Liso como o espelho ou bravo como o leão, imita as paixões humanas, que são umas vezes doces sentimentos, outras furacões impetuosos. E se não sujeita o collo á tyrannia dos senhores da terra, não ha semelhança mais perfeita da liberdade dos povos que repellem com energia o peso do despotismo.

Estas e outras considerações nunca foram novas, *nihil sub sole novum*; e occorrem facilmente a quem se vê em frente do magestoso espectáculo das ondas. É este o que nos attrahe a todos, e que torna frequentissimo o passeio da praia.

Aquelle vasto semicirculo de arêa, que se retorçe entre a Figueira e o cabo Mondego, povoa-se ás tardes d'esta multidão errante e nomada dos banhistas, que aspiram a largos sorvos as auras maritimas com deliciosa satisfação. Eil-os que se agrupam nos passeios, ou se divertem no areal; estes brincam com as ondas nas orlas da praia, aquelles enxameiam em torno das redes da pesca. Ao pôr do sol quantos olhos saudosos miram a descida lenta e pausada do astro luminoso, sepultando-se no abysmo dos mares! Quando o crepusculo vai desfolhando em trevas as ultimas rosas da tarde, eleva-se o espirito insensivelmente e impregna-se de terna melancolia.

Todavia o mais curioso panorama á beira mar é de manhã durante o tempo dos banhos. Quando as estrellas se despedem, deixam já muitos banhistas salgando-se no mar; e os primeiros raios do sol da madrugada assentam logo de chofre sobre o alegre acampamento das barracas, que formam uma perspectiva gra-

ciosa e pittoresca. Depois a concorrência nunca afrouxa até alto dia.

É então muito de vêr o mar convertido em medicina, esta vasta therapeutica curando uns, reforçando outros e retemperando a todos a saúde e o vigor. N'este immenso laboratorio podem estudar-se á vontade os genios e condições de cada um, á semelhança d'aquelle pae de familia, que espreitava os actos dos filhos para lhes conhecer das indoles. Ora eu lhe conto a historia, que vem nos ineditos do padre João Baptista de Castro, e que não deixa de ser interessante e curiosa. E releve-me o conto, que tem larga applicação em toda a parte.

Diz-nos o nosso Padre que um pae, querendo saber a inclinação de seus filhos, comprara um pato e o dera aos rapazes para que folgassem e fizessem d'elle o que quizessem. E logo se poz a espreital-os a ver o que succederia. Ficaram contentissimos aquelles mocinhos, e disse logo o mais velho que atassem o pato, e que fosse cada um com a espada do pae a ver quem lhe cortava a cabeça. Assentou logo o pae de si para si que aquelle seria soldado. Acudiu immediatamente o segundo, e disse: não façamos tal; melhor é vendel-o e repartirmos entre nós o dinheiro, que então cada um comprará o que quizer. Julgou o pae que este estava asado para mercador. O terceiro por fim aconselhou que ó assasem, comessem e se regalassem. E assim o viu o pae appropriadissimo para clerigo.

E se houvesse um quarto filho, que opinasse pela liberdade e vida do animal, que diria o pae?.. Diz-me o nosso F. S. que de certo lhe daria a vida de poeta, que é a mais indecifrável e endiabrada occupação do homem.

Ora na praia, em frente dos banhos, n'este curto e pequeno choque entre o homem e o mar, pôde o observador colher ampla e farta lição da variedade da natureza humana. Verá o arrojado do primeiro filho na destemidez com que uns se lançam ás aguas, o calculo do negociante na

arithmeticamente com que outros enumeram as ondas que tomam e os minutos que gastam; o mimo do clérigo na prudência e cautela com que estes se banham, o entusiasmo do poeta no alvoroço com que aquelles saudam o oceano; mas em todos verá a nossa reconhecida fraqueza perante aquelle terrível elemento.

E desculpe-me finalmente toda esta apologia marítima, que tem por fim ver se o incito ainda a vir á Figueira e a presenciar o que em acanhado esboço aqui lhe apresento.

Figueira da Foz-1867.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## SAUDADES

A\*\*\*

I

Eu fico-me á noite sentado n'um ermo,  
Meus olhos pregados na lua sem véu;  
Os doidos cabellos entregues á briza,  
Fatal pensamento nas plagas do céu!

E n'este silencio de tristes instantes  
Eu sinto meu pranto cabir-me no chão;  
E em tacitos cantos, em intima prece,  
Traduz-se minha alma na muda expressão!..

Ai! tenho saudades das horas bemditas  
Em que eu te fitava, meu anjo d'amor!  
E, qual borboleta buscando uma chamma,  
Corria a queimar-me no doce calor!

Ai! tenho saudades das tranças doiradas  
Que ás vezes o vento fazia saltar:  
Mais lindas que o astro brilhante do dia,  
Mais leves que a penna suspensa no ar!

Ai! tenho saudades do peito nevado  
Que arfava arquejante na dança veloz;  
Ai! tenho saudades da terna harmonia  
Que ao som do piano soltavas da voz!

Ai! tenho saudades da candida pomba,  
Poisada na lyra do pobre cantor!  
Archanjo risonho que eu grato saúdo  
Com vozes suaves, com hymnos d'amor!

Tão longe!... No manto da negra saudade  
Eu sinto minha alma cansada morrer;  
Oh! vem! Sou tão novo!.. Minora-me a ancía,  
Que eu peço-me á vida, que eu quero viver!

II

E eu tenho medo que da fria morte  
Me toque a foíce no vigor da vida;  
E eu, tenra planta para o chão pendida,  
Sinta arrancar-me o furacão da sorte!

Depois... meu rosto para sempre enxuto!  
E as mãos cruzadas para ti, Senhor!  
E a verde c'rôa de infeliz centor  
Toda coberta de choroso lucto!

E a branca pedra sepulchral erguida!  
Perto o cypreste magestoso, altivo!  
E o esquecimento de quem foi já vivo  
No terno peito que adorei na vida!

Antes viver n'esta saudade infinda,  
N'esta agonia d'um amor distante!  
Póde vir tempo em que na lyra cante  
Doce ventura que me dês ainda!

Talvez... quem sabe?... que n'um beijo ardente  
Sacie minha alma no teu lindo rosto!  
E tu serás o meu calor d'Agosto,  
E em ti a vida abrigarei contente.

ANTONIO DE MACEDO

## DIOCLECIANO

I

Romulo lançou a primeira pedra para alicerces da pequena cidade que havia de ser duas vezes grande para o Universo: a Roma dos Romanos, a Roma dos Papas elevaram-se até ao apogeu do poder. A Roma dos Romanos, subjugando as nações, operou a grande revolução politica: a Roma dos Papas, abraçando os povos, regula a maior das transformações do mundo moral; e podemos dizer tambem que a cidade por excellencia foi o prototypo da capital da patria religiosa.

A Roma dos reis maravilhosamente se engrandece, cresce e se fortifica na Republica, e no Imperio se torna a rainha do

mundo conhecido: pelas victorias não podia engrandecer-se mais, porque mais reinos não havia para conquistar; foi a capital do mundo.

Em seu seio alimenta filhos queridos como Augusto, Trajano e Adriano, mas o Imperio na sua grandeza colossal apresenta todos os symptomas d'uma decadencia proxima, fortificada e desenvolvida pelos loucos como Claudio, pelos histriões como Nero e pelos brutaes sensualistas como Heliogabalo.

Roma deixa de ser a coroa do Imperio, expira, e só nos lega um cadáver ornado de tradições, que de heroicas nos parecem mythologicas.

A Roma christã na sua elevação é prodigio!! Apresenta-nos os Gregorios, Innocencios e outros, que de sabios assombraram o mundo! eleva-se nas alturas em que pode irradiar luz até ás extremidades do orbe; mas tambem teve os Borgias, os Alexandres e outros, a quem estes serviram de espelho, que convertendo o Vaticano em lupanar, tanto concorreram para que a Roma, de gigante que era, se tornasse rachitica, doente, quasi a deixar de ser mãe dos fieis.

Roma pagã teve heroes, cujos nomes continham os povos no respeito, da mesma fórma que Roma christã, emittindo os raios do Vaticano, fazia estremecer as Nações.

## II.

Abençoado o sol de Diocléa, que viu nascer Diocleciano, e que mais tarde alumiou Roma para que Roma visse um dos seus grandes Imperadores; alumiou o mundo para que o mundo visse os trophæus victoriosos que o engrandeceram na vida.

Salve, Diocléa, mãe patria do heroe que de ti recebeu o nome!

No imperio de Diocleciano a altiva agua solta o grito atrevido, estridente, que tem echos em todo o mundo, e os homens não offerecem victimas a Marte

para se unirem pelos vinculos da obediencia.

O Imperio estremece como se o edificassem sobre um volcão, cujas lavas appareciam no Oriente, no Occidente, na Germania e na Africa: o throno da antiga Roma, que a antiga civilisação symbolisava, era vacillante, e tambem vacillava o monarca, para quem a corôa de oiro parecia ter demasiado peso: as altivas muralhas, onde as cicatrizes eram de seculos, que tinham sustentado os embates de magestosas tempestades, estavam quasi a ser ruinas da mãe do mundo, cujos filhos acarinhara.

Roma de mãe que era tornara-se madrastra.... Dando a seus filhos a ignorancia pela luz, a escravidão pela liberdade, o odio pelo amor, parecia engeita-los.

As ambições despertam no coração dos subditos as paixões guerreiras; apontam para Roma como sentenciada á morte, revoltam os filhos contra sua mãe, e os arrastam ao matricídio. Odio por odio, eis a harmonia do Imperio.

Acorda o Imperio com Diocleciano; Roma, olhando para os filhos rebeldes, reconhece que é mãe; e Diocleciano, chamando os homens á obediencia, retarda o grande cataclysmo, que os grandes Imperadores mais tarde não poderam evitar, porque a desmoralisação, começando na Metropole, tinha depravado o Imperio.

Por vigorosa torrente o Imperio era arrastado á morte, e Diocleciano, o gigante na força, o privilegiado de Marte, oppõe-se, a torrente é suspensa, e só mais tarde no tempo de Constantino, que denominaram o Grande, caminha mais precipitada.

A doença era grave para o Imperio dominador do mundo, e os Imperadores com sua administração eivada de erros cavavam ligeiros o abysmo em que a victima devia sepultar-se.

(Continua)

M. M. MENDES FRAGOSO.

Historia é a sciencia social que nos ensina a enriquecer o futuro com a experiencia do passado.

A. H.



CATHEDRAL DE MILÃO

(Duomo di Milano)

A Italia, no centro das convulsões que a têm agitado, foi sempre o berço do bello. Gabe-se embora a sisuda Allemanha de ser a fonte da sciencia, a industriosa Inglaterra a das artes uteis, e a espirituosa França a do gosto, que a filha de Saturno resente-se constante da idade de oiro com que a dotara seu pae; os reis do genio floresceram ali sempre.

A gravura que temos em frente mostramos um dos monumentos que comprovam o nosso dito, a cathedral de Milão, que depois da Basilica de S. Pedro em Roma é o templo mais espaçoso de toda a Italia.

A sua fabrica começou em 1386, e n'ella se desvelaram os maiores mestres d'essa epocha, seguindo o estylo gothico. Mas no seculo XVI Pellegrino Tibaldi levantou-lhe a magestosa fachada em estylo diferente, o que, apesar do primoroso da obra, lhe desfez a unidade. Napoleão I, coroado aqui rei da Italia, dispendeu grossas sommas para o seu completo remate; mas, posto que as obras continuaram sempre com uma tal ou qual actividade, este formoso templo existe ainda imperfeito.

É fabrica de marmore alvissimo, e talvez que não haja outro edificio tão vasto d'esta materia. Cinge-o todo uma coroa de flechas ou agulhas elegantissimas em numero de cento e seis, das quaes a mais alta é

de 112 metros e serve de pedestal a uma estatua da Virgem. As estatuas que se avistam em nichos, torres, modilhões, e por toda a parte exterior são quatro mil e seiscentas, algumas das quaes estão em tal altura, que a custo se discriminam.

O interior apresenta um aspecto inteiramente diverso. Os ornatos innumerados e variados que adornam o templo por fóra contrastam originalmente com a singeleza interna, que por isso mesmo é mais nobre e magestosa. Cincoenta e dois pilares ou columnas de marmore, de 28 metros de altura e 8 de circumferencia, sustentam o templo todo. Riquissimos santuarios, capellas primorosas, e n'uma d'estas o tumulo de S. Carlos Borromeu, seu antigo arcebispo, companheiro do nosso Frei Bartholomeu dos Martyres no concilio de Trento, tumulo feito todo de crystal, além de muitos outros adornos que revelam a Italia artistica, eis o que torna este edificio, além de grande e sumptuoso, uma maravilha da arte.

Seria elle para os italianos uma outra *Batalha*, se esta a não excedesse no sentimento patriotico e profundamente nacional, que a erigiu como monumento de gloria portugueza.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

N'essa noite sahi de Badajoz na mala-posta (cilla-corréo). Passando em Talavera Real e depois em Merida, ahi pouco tempo nos demorámos, não podendo comtudo deixar de notar n'essa cidade uma coisa que me surpreendeu, e foi ver ainda habitados alguns edificios de construcção romana.

Em Trujillo esperava-me o sr. de Campomanes de Badajoz, a quem sua esposa tinha prevenido. Recebi d'este artista obsequiosas attentões, levando-me a ver alguns retratos que estava executando, e offerecendo-me os seus serviços.

De Miajadas em diante tive por compa-

nheiro de viagem um cavalheiro estimavel, que se dirigia a Madrid com a sua familia; era o sr. D. Francisco de Lujan, que annos depois foi ministro *del fomento*; tinha sido eleito deputado e ia tomar assento no congresso.

O sr. de Lujan era então coronel de artilheria, homem erudito, conhecido pelas suas ideas progressistas e de um caracter respeitavel, pugnando sempre por todas as reformas que poderiam fazer a felicidade da sua patria, e censurando a pessima administração que de ha muito vigorava em Hespanha. Travámos conversação para mim muito apreciavel.

Em Talavera de la Reyna recebeu o sr. de Lujan os jornaes da capital, ficando admiradissimo de ali ver a noticia d'uma repentina mudança do ministerio hespanhol; era o caso que o duque de Valencia (Narvaez) apparecera em um bello dia demittido com todos os seus collegas do ministerio, e para os substituir nomeados homens pouco conhecidos e de principios retrogradados, sendo um dos novos ministros um tal Balboa, que fora governador das Ilhas Canarias, e de quem havia precedentes anti-liberaes. Esta repentina mudança maravillhou o meu companheiro; porém na manhã seguinte pelos novos jornaes que recebeu veio no conhecimento de que aquelle ministerio durara apenas vinte e quatro horas, e que havia sido obra da celebre Soror Patrocinio, que então chamava as atenções dos beatos de Hespanha pelos seus pretendidos milagres.

Dizia-se que aquella freira (monja) tinha extasis que lhe duravam horas, que apresentava as chagas de N. S. Jesus Christo nas mãos e nos pés, e que fazia milagres. Ora um tal padre Fulgencio, confessor da freira, era igualmente o confessor de D. Francisco de Assis, esposo da rainha D. Izabel, e por influencia da freira e do padre o rei conjuge, a quem n'esse tempo em alto e bom som chamavam o Paqueta! ponde em occasião opportuna obter da rainha a demissão do ministerio

Narvaez, e a sua substituição por aquella nova gente de feição fradesca. A rainha Christina porém, a pezar da sua pouca affeição a Narvaez, tratou logo de unir-se a este general para resolver aquella crise politica, do que resultou a reintegração do ministerio presidido pelo duque de Valencia, acompanhando-a a demissão e até a prisão dos ministros de um dia!!!—Dizia-se além d'isto que o rei conjuge fôra tambem detido no paço por ordem da rainha Izabel, de modo que á nossa chegada a Madrid estavam as coisas já no seu estado normal, festejando a maioria do paiz a restituição ao poder do ministro Narvaez.

Nos theatros de Madrid recitaram-se poesias á resolução da crise, e posso dar-te o specimen d'uma d'ellas admiravelmente improvisada pelo distincto poeta Breton de los Herreros, a quem deram *consoantes obrigadas*; e disparatado é o soneto que se segue:

#### SONETO A LA CRISIS

Temo que el cetro se converta en *báculo*  
Y el estado hoy robusto muera *ético*,  
Se otro esculapio, en ademan *ascético*,  
Vuelve a ser del rey conjuje el *oráculo*.

Venero a Dios, venero al *tabernaculo*,  
Mas no a hipocrita sor, que con *emetico*  
Llagas reineda, cuyo humor *erpetico*  
Quizá fue al torpe vicio *receptaculo*,

Question de religion la que es de *clinica*?  
Y dar-nos leys desde el torno? *cascaras*,  
Assim no se gobierna ni en el *Bosforo*,

Y se tal farça demasiado *cinica*  
Se repite, caeran todas las *mascaras*  
Y arderá Espana entera como un *fosforo*.

Era este um vaticinio da ultima revolução, em que pelas mesmas causas expulsaram a rainha Izabel do throno de Espanha;—a camarilha já então tinha grande importancia, e quem sustentava ainda n'aquella epocha certa dignidade do throno era o general Narvaez, homem dotado de energia e de intelligencia superior.

A rainha, tão diferente de sua prima, a sr.<sup>a</sup> D. Maria II, era comtudo estimada como senhora de bom coração, prestando-se sempre a actos caritativos; mas faltava-lhe a dignidade propria da alta posição que occupava, e ao duque de Valencia se devia cohibir-lhe algumas vezes a pratica de acções que a deslustravam.

Chegámos a Madrid; e que te direi eu d'aquella capital senão que o tempo que ali passei foi dos mais agradaveis da minha vida?.

Dizia-me em Lisboa a sr.<sup>a</sup> marquesa de Selva Alegre: — «olhe que se vai a Madrid fica lá; ha de gostar tanto da capital de Hespanha, que lhe será muito difficil resolver-se a voltar para Lisboa.» — Não fi quei em Madrid, mas posso dizer-te que sempre me lembrarei com saudades d'aquella terra para mim cheia de encantos. Apesar da superioridade de Londres e Paris, que tempos depois visitei, não conservo d'estas duas grandes capitaes as gratas recordações que conservo de Madrid!

Costumado a viver n'esta vida intima do trato de familias honradas achei em Madrid o mesmo trato, porém mais amavel e mais sympathico.

(Continua)

M. M. BORDALLO PINHEIRO.

### CRANICE

Ella um dia perguntou-me  
Qual-era a flor predilecta  
Para mim no seu terraço.  
E eu.. triste poeta,  
Fui colher a violeta  
E depuz-lh'a no regaço.

Aspirou-a Branca, e disse:  
«Eu de mim prefiro as rosas  
«A todas as outras flores;  
«São bellas, frescas, cheirosas,  
«E nas petalas mimosas,  
«Que matiz, que vivas côres!

Mas assim fallando e rindo  
—Nuvem rosada ao sol posto—

Ia-lhe o pejo subindo...  
E eu disse, com voz tremente:  
«Escuta, sou do teu gosto;  
«Prefiro, prefiro as rosas;  
«São bellas, são mais formosas,  
«Mas... colhidas no teu rosto...

G. CRESPO.

### DE LISBOA AO PORTO

Viagem maritima

Era noite, e a maior parte dos passageiros tinham descido.

Apressei-me em fazer outro tanto, porque me sentia incommodado, e julguei que deitando-me poderia conciliar o somno facilmente.

Demais a atmosphaera estava pesada, e as minhas previsões ao embarcar pareciam começar a realizar-se: cahiam já grossas pingas de agua.

No convez e junto do porão tinham os soldados improvisado um abrigo.

Lastimava-os do fundo d'alma.

Aos passageiros de segunda camara, entre os quaes se contava uma senhora, tambem lhes não invejava a sorte; o ambiente que deviam respirar havia de resentir-se forçosamente dos seus visinhos do convez, os quaes geralmente não costumam guardar muito os preceitos hygienicos de aceio.

O Lisboa desfraldara agora as velas, e cortando os mares balouçava-se sobre as ondas.

Desci.

Ao entrar na camara, semelhante ao homem ebrio, salteou-me um vagado logo que fitei a luz do lampião, que dependurado descia do tecto entro o refeitorio e o semi-circulo de sophás.

Encostei-me a um dos lados, e desprendo-me logo d'ali para ir de encontro ao lado contrario, alcançando comtudo firmar-me no encosto d'uma cadeira, avancei tres passos quando muito, e arriscando-me a cair redondamente no chão magoando-me em algum movel, vou sentar-me

pesadamente no primeiro banco que se me depara, e encostado á meza levo as mãos á cabeça que aperto com toda a força.

Todos os passageiros, sem excepção, pareciam ter tomado uma forte dose de emetico. Com as mãos apoiadas nos joelhos e as bacias de lata pintada diante de si e no chão eram victimas do enjôo.

Alguns, cobrando mais allivio, estiravam-se nos seus beliches; um pouco mais distante ouviam-se os gemidos das senhoras accommettidas do mesmo mal, e tudo isto junto ás ancias dos passageiros, as quaes se traduziam com frequencia em outros tantos ais.

O lampião esclarecia soturnamente esta scena, dando-lhe uma apparencia lugubre e quasi sinistra.

Estaria eu na mansão dos reprobos, ou seria tudo isto o effeito d'um pezadelo que então me opprimia.

Ergui a cabeça, e então a realidade, o positivismo ostentou-se em redor de mim; estendi uma das mãos, e logo o famulo que estava mais proximo, interpretando este meu gesto, apresentou-me uma bacia de lata.

Tinha chegado a minha vez: começava a enjoar.

— Ó senhor moço, ha genebra? perguntou meio suffocado um dos meus companheiros de viagem.

— Tudo quanto v. s.<sup>a</sup> queira; é só pedir.

— Mas que seja hollandeza.

— Ha pura genebra de Hollanda.

— Então veja se me serve um calix d'ella.

— Vai ser servido.

(Continua)

### EXPEDIENTE

Rogamos aos Srs. Assignantes de fóra de Coimbra, ainda em debito do 1.<sup>o</sup> trimestre d'este jornal, o favor de satisfazerem as suas assignaturas. E tambem aos que se dignarem continuar a coadjuvarnos, que mandem de novo satisfazer a importancia respectiva ao tempo por que assignarem, não só para sabermos quem são os nossos actuaes assignantes, mas tambem para que estes não soffram interrupção na remessa do jornal.

### Charada 19.<sup>a</sup>

Fel-o Deus, não foi o homem,  
Porque elle é o creador;  
Deu com elle a vida ao mundo,  
Deu mais brilho ao seu esplendor. } 1

Fel-o o homem, não foi Deus,  
Porque elle é manufactor;  
Deu com elle aceio ao mundo,  
Deu mais lustre ao toucador. } 2

Symboliza coisa boa;  
Symboliza coisa má;  
Dizem muitos que ella é boa;  
Dizem muitos que ella é má. ..

### Explicações

CHARADA 18.<sup>a</sup> — Parametro.

ENIGMA — Não ha despeza mais cara que a do tempo.

RESPONSÁVEL — J. S. Moraes e Sá

### ENIGMA



*A vergonha com as faces e o medo no rosto*

# RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS



N.º 16

Julho

1870

## FNTE DOS AMORES

É uma lei fatal, é uma condição imposta ás aspirações da alma humana, que as rosas que ornã a vida e consolam dois infortunios sejam, como as dos jardins, acompanhadas de espinhos.

As coroas de loiro ganhas por um heroe no campo da batalha custam muitas vezes o sangue dos vencedores, e sempre são adqiridas com sacrificio de sangue e de vidas dos proprios camaradas e dos infelizes vencidos. Para um coração bem formado, que se doe das desgraças alheias, já não é pequeno um tal preço da victoria; mais caro porém ainda se torna quando os triumphos e proezas têm sido precedidos, mais ou menos, de derrotas e infelicidades.

A gloria conquistada na cultura das letras e sciencias, se é sublime e duradoira, tambem tem o seu preço de custo, espinhoso sempre, e muitas vezes elevadissimo. Se o amor da sciencia, se o amor da gloria ou outro estimulo nobre e grandioso, adeja em torno da luz nocturna do sabio, é sempre á força de muita perseverança, trabalho, e sacrificios, que a sciencia adquire um novo theorema ou um processo ingenhoso, e que a litteratura se vê enriquecida com uma produção de valor e merecimento. Se a esperança fortifica e dá novo vigor á estudiosa dedicacão de um mancebo que nas letras procura illustrar-se e distinguir se, as palmas colhidas custam sempre trabalhos e sacrificios, e muitas vezes não são os resultados condigna recompensa de tantas esperanças e dedicacão.

2.º TRIMESTRE

Se uma bella e nobre alma, se um coração generoso, despertou n'outra alma um nobre e divino sentimento, o amor, as corôas de myrtos não fazem excepção á lei fatal imposta á natureza humana. Quem ama soffre; e muito feliz será o coração enamorado, se não ficam ermos de rosas os espinhos que o ferem.

Quando é segura e firme a constancia do bem amado, tornem-se embora mais agudos e penetrantes os espinhos do amor, que d'aquella constancia e firmeza dimana força e coragem para soffrer os seus rigores. Mas esses mesmos soffrimentos são o preço que tem de custar a corôa de rosas, companheira ou successora da dos espinhos.

Mas nem sempre as mais bem empregadas, as mais santas e puras affeições são coroadas de merecido premio. Parece que um destino caprichoso se apraz muitas vezes em desfolhar as rosas uma a uma e deixar succumbir os infelizes sob os golpes despiedados da adversidade.

E d'esses espinhos, que para os desditosos ficaram desacompanhados de rosas, outras terão de surgir mais tarde para não deixar inexacta a lei fatal; mas serão então de gloria e não de amor essas novas rosas, que um escriptor ou um artista de genio saberá fazer sahir de uma lenda de desventuras. É assim que da tragica historia de Romeu e Julieta nasceu muito depois uma das mais bellas flores que ornã a corôa de poeta do grande Shakespeare; é assim que os infelizes amores de Heloisa e Abailard foram thema para muitas produções litterarias de valor e merito.

A uns coroaes de espinhos para que outrem tire coroaes de gloria! Será isto uma lei justa? Por certo que não; e a lei fatal seria menos rigorosamente applicavel, se á gloria do escriptor não andasse inherente tambem a gloria dos protogonistas. Terna e apaixonada Julieta, um odio indomavel, que tornava irreconciliaveis duas familias, não obstou a que uma Capuleto e um Montegu se amassem com o amor mais extremo; um erro funesto, um arrebatamento imprudente, e, direi melhor, a mão despidosa da adversidade, immolou nas aras do amor dois coraçoes tão dignos como eram o teu e o do teu bem amado; mas a lyra de um vate salvou do olvido tão nobre sacrificio, e os nomes de Romeo e Julieta brilham no martyrologio do amor, como as mais bellas estrellas refulegem no firmamento em noite tranquilla e desannueada.

Sabio e estudioso Abailard, as coroaes de gloria conquistadas no campo da sciencia te abriram caminho para as coroaes de myrto, e a illustrada Heloisa fôra a predestinada para galardoar com os carinhos do amor o talento e os trabalhos do sabio mestre. Um tio cruel e sem piedade tramou a vossa desgraça; mas hoje mais de um rosto se acha banhado de lagrimas quando lê os vossos pezares e desdita, e o nome de Fulbert não é menos detestado do que o de D. Ruy Peres da Sylva no Hernani de Victor Hugo.

Mas para que ir a Verona e a Paris buscar exemplos de amores infelizes, se em Coimbra temos tambem a Fonte dos Amores, que recorda ao visitante a desditosa D. Ignez de Castro? Ah! não... tivemos, já não temos. Um muro, ha pouco levantado, na muda linguagem das suas duras pedras diz ao visitante *non plus ultra*; e a fonte celebrada, que por tempos seculares tinha sido logradouro publico, está tornada hoje o .... pomo prohibido!

Debaixo dos annosos cedros já não irá á hora do crepusculo o amante saudoso enviar o seu pensamento á margem do rio ou ao areal da praia, onde se acha a sua

bem amada; já não irá o visitante curioso ver a decantada fonte em que as filhas do Mondego transformaram as lagrimas da infeliz, e levar uma pedrinha musgosa, que seja no seu museu uma memoria da visita que fizerá á Fonte dos Amores. Não sei até se a lapida contendo gravada a bem conhecida estancia dos Lusíadas (e que se diz ter sido posta por cuidado e gosto de um estrangeiro!) terá sido despedaçada para fazer parte da construcção do muro sacrilego.

Mas, se a celebridade é a felicidade dos infelizes, tu, linda Ignez, que tiveste Coclhos e Pachecos para te roubarem a vida terrena, não acharás quem te abafe de todo a fama immortal. No canto do grande Camões está ella solemne e firmemente apregoada, e não será um muro material e transitorio que roube a uma alma compassiva a homenagem e devida admiração a teus amores e desventuras.

Coimbra, 11 de Outubro de 1868. P. C.

#### Á MINHA AMIGA

#### RITA DE VASCONCELLOS ABREU

Quando teus dedos correm ligeiros  
Sobre o teclado do piano teu,  
Não sei que enlevos, que sons fagueiros  
Dão á minha alma gozos do céu!

Gózo, — soffrendo saudade infinda  
D'uma existencia que já passou,  
Quando minha alma soltava ainda  
Vozes que a magua lhe suffocou!

A cada nota plangente e triste  
Que tu, — artista — sabes vibrar,  
Meu seio agita-se! — Tu nunca viste,  
Da brisa ao sopro subir o mar?...

Tambem ao sopro da melodia  
Se ergue este oceano de prantos mil!  
Voga, apparece, minha alegria,  
Traze-me as rosas do meu abril!

Surge, alva imagem d'essa ventura,  
Que em sombras tristes se me escondeu...  
—Luz que me tiras da noite escura  
Quando despertas o piano teu,

Não são teus dedos que me extasiam,  
Mas sim tua alma, que chora e ri  
Nos sons alegres, nos que gemiam,  
Eccos de maguas que vêm de ti!

Risos, lamentos, poesia immensa,  
Maguas da terra, sonhos do céu,  
Amor, saudade, tristeza e crença,  
—Tudo revelas no piano teu!—

Coimbra, Abril, 1869.

AMELIA JANNY.

## DIOCLECIANO

### III

Quaes foram as circumstancias, que, levando Diocleciano ao throno, lhe fizeram cingir a corda do Imperio?

Quaes os titulos, em que os Christãos fundamentaram os anathemas e epithetos injuriosos, que lhe lançaram em rosto perante a humanidade e o correr dos seculos?

Diocleciano não nasceu em doirados palacios, nem recebeu carinhos filhos da opulencia, nem foi acalentado pelo halito d'uma côrte poderosa e aduladora: nasceu em Diocléa, filho d'um escrivão publico, ou de um escravo como outros querem; posto que no seu berço estrella brilhante lhe alumiasse o futuro, elle passou a mocidade vergado pelos trabalhos que a maior parte das vezes os grandes não conhecem.

Alista-se nas fileiras do exercito Romano; a deusa da felicidade, enleando-o em prolongado e estreito abraço, lhe faz ouvir as palpações de seu coração; a prudencia o vigia e dirige em todos os seus passos, Marte lhe guia a espada quando vibra golpes contra o inimigo; a honra de mãos dadas com o obscuro soldado o faz subir ao throno das glorias: em quarenta annos o soldado feliz, prudente, valeroso e honrado se torna o mais excellente capitão dos seus tempos.

Estava no principio do seu imperio, e uma pallida luz alumia a paz dos povos; bronzea nuvem escurece o horizonte do mundo, estala o raio, ribomba o trovão,

cujos echos, repercutindo-se de serraania em serraania, de collina em collina, espaiando-se pelas planicies, vêm morrer de encontro ás muralhas de Roma, e Roma convulsa se agita.

Amando e Heliiano, á testa dos camponezes e lavradores das Gallias, fazem guerra aos Romanos, mas ao encerrar as cohortes que Diocleciano tinha disciplinado, ficam fascinados pelos raios brilhantes de suas armas.

Achileo, que governava o Egypto, se proclama imperador; o golpe é vibrado ao coração de Diocleciano, e este, á semelhança do rei dos desertos, corre veloz, chega, avista o inimigo, e Achileo deixa de ser imperador para ser arremessado aos animaes ferozes.

Os rendimentos publicos da Africa são roubados por algumas legiões romanas reunidas com os naturaes, que tambem estendiam a rapina aos bens dos que não queriam associar-se á revolta: trava-se a luta, milhares de victimas são offerecidas em holocausto a Marte, os africanos, de soberbos que se mostraram, são constringidos a pedir a paz.

Na Grã-Bretanha apparece outro imperador; Carausio se proclama; mas os Bretões não são mais felizes que os Egyptios. Bluto assassina o novo imperador, e a Grã-Bretanha que tinha reagido sete annos, curva-se perante as legiões de Diocleciano commandadas por Constancio Chloro.

Narsio, rei das Persas e dos Parthos, os conduz á morte ameaçando o Imperio; solta as tempestades da guerra sobre a Mesopotamia, e esta foi devastada: o Armentario, esquecendo as nações que o separavam de Roma, avança, não conhecendo o receio ataca o inimigo; este com coragem supporta as primeiras lutas, mas mais tarde dos muitos que eram poucos avistam a nativa patria, deixando após de si a desolação, a morte, e os filhos e mulheres de seu rei entregues ao general romano.

Não eram só os filhos do Imperio que lhe roubavam a vida rasgando-lhe a pouco

e pouco as entranhas; os Scythas, Godos, Sarmatas, Alanos, Carsos e Quados, selvagens protegidos por um clima rigoroso e de feroz coragem, em nuvens inundam o Imperio; mas a Aguiá Romana estende rasgado vôo para essas regiões, e pairando sobre ellas com sua voz estridente abafa aos barbaros os gritos de victoria, com sua sombra lhes esconde os feitos guerreiros, e pacifica volta a coroar o solio da grande cidade.

Além d'estes males as revoltas internas e guerras externas, a ultima e a maior das perseguições contra os Christãos, tudo faz regar o solo do Imperio com torrentes de lagrimas.

Mas seria esta perseguição filha do character feroz e sanguinario de Diocleciano?

Todos os dias as accusações contra os Christãos como perturbadores da ordem publica, rebeldes ás leis do Imperio e desprezadores da religião do Estado, subiam aos pés do Imperador. Diocleciano desde o berço alimentado com os principios da religião pagã, que tinha por uma de suas bases a intolerancia, e convencido de que esta era a unica verdadeira, manda castigar os maus cidadãos, riscando o nome e religião dos Christãos e restabelecendo o culto que aos deuses prestaram seus pais, que tinha servido de base ao grande edificio que Romulo construiu, o qual de grande que foi reuniu em seu sanctuario os homens espalhados por innumeradas nações.

As ambições estendem a perseguição não só aos christãos, mas aos ricos, que de caso pensado eram appellidados como taes; as vinganças particulares, fortificadas por genios violentos e ferozes, os odios religiosos, ateado pela violencia das paixões, o fanatismo estúpido, a superstição crassa em que os povos estavam mergulhados, eis as mais fortes causas que concorreram para a mais cruel das perseguições, onde se reuniram todos os esforços, ultimas convulsões d'um partido agonisante.

Que Diocleciano era virtuoso, temos por

prova a magnanimidade que conservou no seu retiro depois da abdicção feita no apogéo de suas glorias, onde consagrou o seu tempo á cultura de seu jardim; e assegurava aos seus amigos que gozava da vida depois que os homens julgavam ter sahido d'ella. Aos que instavam para que voltasse ao poder respondia: se conhecesseis a felicidade que desfructo serieis mais inclinados a tornar parte n'ella comigo do que a perturbal-a com vossas suggestões.

Que era honrado, a corôa Imperial o attesta. pois que elle a cingiu não porque reunisse esforços para isso, mas porque o seu merito, as acções d'uma vida exemplar, refflorindo em sympathias no exercito, o tornaram querido dos soldados e digno da realaleza.

Que era homem de moral, basta attender á severidade do seu governo em que sustentava a virtude contra a corrupção, que de avançada era um dos maiores flagellos do Imperio.

Que seu coração não alimentava a mais ignobil e mais vulgar das paixões entre os Imperadores Romanos — a vingança — é bastante attender á sua generosidade para com os sectarios de Carino, que, oppondo-se a que Diocleciano fosse imperador para cingirem a corôa na frente de seu chefe, obtiveram em castigo a conservação de seus bens e vida.

Que elle foi um heroe, ninguem o deve negar, porque, subindo ao throno, realizou as felizes esperanças que tinha inspirado.

M. M. MENDES FRAGOSO.

#### APONTAMENTOS DE UMA VIAGEM A MADRID

Têm os castelhanos grandes qualidades, que são a amabilidade, o cavalheirismo e uma franqueza sem igual; á facilidade com que se adquirem relações reune-se um trato franco e leal, de modo que o homem de bem pôde mostrar-se na sociedade tal qual é, sem temer que lhe cen-



surem os ridiculos que todos podemos ter, porque a murmuração e a zombaria são feições reprovadas n'aquella sociedade.

A classe alta resente-se dos máus hábitos antigos e da devassidão do tempo de Carlos IV, e é ali que mais se imitam os costumes francezes; a classe baixa está ainda possuida da barbaridade que tanto compromette a reputação dos hespanhoes; porém a classe media é, em geral, modelo de bons principios e costumes, a que sabe juntar a alegria e a amabilidade.

Talvez que a razão de ser portuguez, e a conveniencia que todos os hespanhoes acham na união dos dois paizes concorresse para o bom acolhimento que me fizeram; porém posso asseverar-te que o caracter da gente de Castella a velha é franco, obsequiador e livre das exaggera-

ções dos andaluzes, e das grosserias dos habitantes de outras provincias.

Os usos e costumes dos hespanhoes variam tanto como as diferentes provincias de que esta nação se compõe.

Em algumas partes de Hespanha os usos variam muito mais dos de Madrid do que os de Madrid variam dos de Lisboa; atrevo-me até a dizer-te que talvez haja tanta ou mais differença entre os costumes dos nossos portuenses, comparados com os da nossa capital do que entre os costumes de Lisboa comparados com os da provincia de Castella a velha; o que é certo é que eu achei-me como se estivesse em minha casa, com a differença de ver caras novas, porém alegres, e que dentro de pouco tempo me mostraram sincera estima.

Cheguei a Madrid pelas 4 horas da madrugada do dia 22 de Outubro de 1849. Fui hospedar-me na Fonda de *La Romana* en la calle mayor, na casa de Cordero el *maragato*, que estivera emigrado em Portugal; — era aquelle hotel um dos mais luxuosos n'aquella epocha. Comecei por estranhar os macios colchões da minha cama, porque em Madrid não usam os malfadados enxergões de que nos servimos, que através mesmo de bom colchão fazem sentir a sua dureza; os leitos de ferro têm fortes correas, sobre as quaes são collocados dois ou tres colchões, de modo que se dorme como n'uma rede. Ao principio custava-me a firmar nos colchões e nas grandes almofadas que substituem o travesseiro, porém depois que me habituei, todas as camas, em que tenho dormido em Portugal, as tenho achado duras.

Fiquei n'aquella Fonda só até o dia seguinte. Procurei a casa das minhas patroas, a quem havia sido recommendado em Badajoz e que me receberam com agrado; dirigi-me depois a casa de D. José de Madrago, pintor da real camara e director do Museu de pinturas, e a casa de D. Frederico de Madrago seu filho, para os quaes levava cartas.

Frederico tinha o seu *atelier* no Prado (Estampa 14.<sup>a</sup>), n'uma casa proxima do Museu, a que chamavam Tivoli, recebeu-me com amabilidade mostrando-me algumas das suas obras, taes como os retratos de Mon, que era ministro d'estado, da condessa de Tebas, hoje imperatriz dos Francezes, e de Pedro de Madrago, poeta e irmão do artista, obras porém executadas no estylo francez, que achei de notavel merecimento; eram retratos-quadros, isto é, cheios de accessorios que os tornavam quadros de composição, de um effeito admiravel.

(Continua)

M. M. BORDALLO PINHEIRO.

É necessario governarmo-nos com a espada sempre na cinta e com a balança na mão, pensando os poderes de todos os principes e fiando-nos só do proprio.

A. VIEIRA.

## D. MARGARIDA DE MENEZES

v

Passaremos em silencio a extincção do Mosteiro pela ambição dos padres de Santa Cruz, e a grande obra da reedificação, não sem difficuldade, pela virtuosa esposa do senhor D. Diniz, para entrarmos no governo de D. Margarida de Menezes.

Ao noroeste da cidade de Coimbra, medidos vinte e dois kilometros, existe uma amena e deleitosa planicie, que a natureza creou jardim, onde a religião e a patria colheram abundantissimas flores. Quere-mos fallar de Cantanhede.

Perde-se na mais remota antiguidade a sua origem; foi porém reedificada no tempo de Fernando Magno pelo conde D. Sisnando, governador de Coimbra, que nos instrumentos d'aquella epocha, se assignava senhor de Cantanhede.

Morto o conde, (1) sua filha D. Elvira Sisnandes, casada com o alcaide mór de Coimbra, Martin Moniz, entrou n'este senhorio como herdeira de seu pae, pois vemos este fidalgo assignado senhor de Cantanhede, e porque findasse a successão foi este senhorio com muitos outros incorporado na corôa.

(1) Encontra se, encostado á quina occiden-tal da Sé velha de Coimbra, o tumulo em que estão depositadas as cinzas de Dom Sisnando. É oblongo, de fórma abaulada, tem 55 polle-gadas de comprimento, 23 de largura, e 36 de altura. Os caracteres d'este epitaphio mos-tram, pelas suas graves mutilações que não têm podido resistir ás injurias assim do tempo, como dos homens.

### Inscrição do tumulo

AQUY . JAZ . HUU . QUE . EM . OUTRO . TENPO  
FOY . GRANDE . BAROM  
SABEDOR . E . MUITO . ELOQUENTE . AVON-  
DADO . E . RICO . E . AGORA  
HE . PEQUENA . CINZA . ENCARADA . EM  
ESTE . MOIMENTO  
E . COM . EL . JAZ . HUU . SEU . SOBRINHO  
DOZ . QUAEZ . HUU  
ERA . JA . VELHO . E . OUTRO . MANCEBO . E  
O . NOME . DO . TIO  
SESNANDO . E . PEDRO . AVIA . NOME . O  
SOBRINHO .

Antiq. Coimbra. n.º 3, 1841

Cintra conimbricense, Cantanhede era o mimo dos nossos reis, os quaes ali se iam recrear na caça, que muito havia n'aquelles tempos.

O senhor D. Affonso II com o foral lhe deu nobreza de villa, continuando a ser muito honrada até ao senhor D. Fernando, que, querendo premiar os mui valiosos serviços de João Gomes da Silva, lh'a deu como senhorio; mas diz-nos a historia que pouco tempo a teve, porque D. Leonor de Menezes, agradando-se d'ella, a comprou por dois mil cruzados.

O senhor D. Fernando fina-se em Santarem, D. Leonor sahe para Castella, e o senhor D. João I, considerando vago o senhorio de Cantanhede, fez entrar na posse d'elle D. Martinho de Menezes. Desde esta epocha a nobre villa de Cantanhede constituiu-se solar de Menezes ou Marialvas, e berço foi onde se embalaram os maiores heroes que viu a nossa patria.

A nobre e (podemos-lhe chamar) muito illustre villa de Cantanhede, foi patria de D. Margarida de Menezes, filha terceira de D. Martinho de Menezes e de D. Thereza Vasques Coutinho.

O sabio chronista franciscano diz que os paes de D. Margarida foram Aires Gomes da Silva e D. Brites ou Beatriz de Menezes; (2) engano por certo é, porque D. Brites é segunda filha de D. Martinho, irmã de D. Margarida, e não mãe (3).

D. Margarida, em virtude modelo, pediu e obteve de seus paes licença para professar no instituto franciscano das donas ou emparedadas da ponte.

Coberta com o manto de professa, em subido gráu resplandeceu n'ella humildade e penitencia, que fez esquecer que tinha nascido em leito de principes, e que fez com que aos dezoito annos de sua idade fosse proclamada abbadessa vitalicia, 1455. Feliz foi o governo d'esta prelada; porque, além de fazer venerada a

pessoa, tornou amado o officio; mas no meio de rosas, como chamaram a este governo, tambem não poucos espinhos teve.

Corria o anno de 1477, o terrivel flagello da peste ceifava grande numero de victimas em Coimbra (4); no Mosteiro de Santa Clara tudo era tristeza e luto. Fale por nós o chronista: «Morreram algumas freiras, outras estavam feridas, e todas intimidadas pediam com muitas lagrimas á Magestade Divina embainhasse logo a espada da sua indignação..... Mas o Senhor, que n'esta grande mercê queria dar muita parte a sua Mãe clementissima, permitiu que o mal fosse lavrando, e as freiras, assombradas das muitas mortes que viam, tractassem já de fugir para casa de seus paes.

Resistiu em quanto pôde a zelosa abbadessa, mas, vencida da sua necessidade e importunas instancias, chegou á grade para ordenar a ida, pelo modo que fosse mais acertado (5). Data d'esta epocha a antifona — *Stella caeli extirpavit* — que a ordem serafica canta todos os dias, e que depois se fez estampar no Breviario romano, tornando se geral para todo o clero.

*Mandai rezar todos os dias no coro esta santa devoção da Virgem Senhora Nossa, que vos dou escripta n'este pergaminho, (6) e logo vereis as suas misericordias.* — Estas palavras foram ditas por um mendigo, que á grade chegou, quando D. Mar-

(4) Veja-se a muito interessante Memoria sobre a Epidemologia Portugueza pelo mui illustrado lente da faculdade de Medicina, o sr. dr. Vieira de Meirelles.

(5) Fr. Manuel da Esp. Hist. Saraf. T. 2, pag. 62.

(6) O pergaminho em que estava escripta a antifona, medio tres dedos em largo, e meio palmo de comprido. Estava em custodia de prata, tendo duas figuras de joelhos em adoração, sendo uma S. Bartholomeu e outra D. Margarida de Menezes.

Pela informação que obtivemos consta que esta custodia e pergaminho desapareceram pelos francezes, e que depois foram depositados na Encarnação em Lisboa, onde existem.

O auctor.

(2) Fr. Manuel da Esp. Hist. Saraf. T. 2, pag. 59.

(3) Elog. Hist. da casa de Cantanhede pag. 210.

garida acabava de dar as ordens para deixar com suas filhas a casa do Senhor.

«Não fez mais a abbadessa do que receber o escripto, quando o portador se escondeu a seus ollios, sem haver uma pessoa, que, ou antes ou depois, o visse ou conhecesse. Por onde se entendeu que era S. Bartholomeu, advogado do Mosteiro e seu padroeiro santo, o qual da parte da Imperatriz dos anjos, lhe deixara a receita milagrosa contra os males da peste.» (7)

É certo que sararam as que estavam feridas, e que não mais se seutiu dentro do Mosteiro o terrível flagello.

D. Margarida, chamada a virtuosa abbadessa, vê aproximar-se a sua ultima hora, reúne em volta de si todo o convento. e nomeia sua sobrinha D. Maria de Menezes abbadessa, e despedindo-se de todas as suas filhas com palavras de muita resignação, acabou seus dias aos 16 de Novembro de 1520, com sessenta e cinco annos de prelada.

As freiras, na sua mudança do convento velho, não deixaram esquecidos os ossos d'esta prelada, como fizeram com os da sua primeira fundadora, levaram-nos; mas não tiveram o logar que menciona o sabio chronista, no altar de S. Bartholomeu (8).

Fomos ao real Mosteiro, e examinando o altar do apostolo, nada encontramos que nos mostrasse a existencia ali do cofre com os ossos de D. Margarida; foi então que, procurando a senhora abbadessa, ella nos apresentou um pequeno cofre, forrado de seda cramezim, mas sem cobertura.

Abrimos este cofre, e encontramos dentro duas caveiras, uma maior e outra menor, e muitos ossos pela maior parte miudos. Tirados os ossos, descobrimos, no fundo, um escripto de letra antiga, que assim rezava: — *Estão n'esta arca os ossos da V. Madre Sor Margarida do convento de baixo, a quem se deve a Stella caeli contra a peste. E os ossos da V. Anna do*

*Menino Jesus, que profetizou o nascimento da Madre e V. Maria Joanna, e a vida da mesma. A que está quebrada é a da Madre Margarida de Menezes. Quer fallar da caveira mais pequena, que encontramos quebrada d'um lado. Este cofre está no armario da sacristia interna do Mosteiro desde a mudança das freiras, para onde voltou.*

Nós, que examinámos os ossos e que lemos o pequeno bilhete, dizemos com verdade que *no altar de S. Bartholomeu não se depositou o cofre com os ossos de D. Margarida de Menezes.*

A. M. SEABRA D'ALBUQUERQUE.

### Charada 20.<sup>a</sup>

Eu sou só, e sem familia  
Posso muito bem viver;  
Quem com estranhos me juntasse } 1  
Mudaria então meu ser.

Somos sete; e sem familia  
Eu não posso bem viver;  
Quem dos meus me separasse } 1  
Mudaria então meu ser.

É dos filhos do crescente  
Muito commoda invenção;  
Com que dão ali aos grandes  
E ás damas distincção.

É dos filhos da Europa  
Muito bella imitação;  
Com que attentos cavalheiros  
Dão ás damas distincção.

### Explicações

CHARADA 19.<sup>a</sup> — Serpente.

ENIGMA — A vergonha cora as faces, e o medo as desbota.

(7) Fr. Manuel da Esp. T. 2, pag. 68.

(8) Dito, pag. 61.

Este foi o ultimo numero que se viu, e nunca mais se recebeu nenhum.

# RECREIO LITTERARIO

JORNAL PARA TODOS



N.º 17

Agosto

1870

## LAURA

EPISODIO FUGITIVO DA VIDA DE UM POETA



Estamos no outono. O sol brilhante do estio principia a esmorecer e a esconder-se melancolico e saudoso. Parece ter pezares do que deixa, receios do que vai encontrar. Deixa os fructos que maturou, deixa as messes loiras, e as flores pendidas; vai encontrar os frios e os gelos, os pantanos e as tempestades. Mas se a primavera é bella como a flor que desabrocha, o outono tem a severa e melancolica poesia do velho que na ultima quadra da vida estende as mãos já tremulas sobre as cabeças dos filhos que creou e vai deixar.

Estamos em Coimbra e no fim de uma tarde de Outubro. A graciosa filha do Mondego principia a enfeitar-se das galas que as outras despem. Uma ruidosa e alegre população começa a invadir a e a ornar-a. Todos os dias e de todos os pontos lhe chegam numerosas e alegres caravanas. São filhos das diversas provincia que, ao findarem as ferias do estio, vem recommençar os trabalhos do inverno. Se o curto passado lhes enluta as frentes de saudades, o futuro acena-lhes esperanças, e, abandonando a luz que morre, lançam-se alegres em busca do pharol que o futuro lhes accende.

Uma outra população paira por aquel-

les campos formosos. São grupos de banhistas que, deixando as praias, assustados já do bramir das ondas, pousam, antes de levantarem maior vôo, n'aquellas margens virentes, como as andorinhas, que se reúnem em bandos, cortam os ares apressadas e como em despedida, antes de se resolverem a tomar o caminho das regiões distantes, aonde vão invernar.

Abandonando o resto, vamos entrar n'uma casa vistosa e apalaçada que se ergue já n'uma das extremidades da cidade. Tem um jardim que se estende até ás margens do Mondego, e onde ha sombra e flores, verdura e estatuas.

A casa debruça-se vaidosa, e parece atrahida para as aguas, de que ouve o sussurrar melancolico. A noite principia a estender as suas sombras, a casa a opulentar-se de luzes. As janellas, abertas á viração da tarde, deixam entrar nas salas aquelle ar perfumado e tepido que as laranjeiras parece haverem deixado da primavera por sobre aquellas paragens sedutoras, e deixam cabir sobre o jardim reflexos de luz, que traçam sombras phantasticas e linhas phosphorescentes.

Alguns instantes mais de contemplação ante aquelle quadro risonho, e vem juntar-se a elle o som festivo e ruidoso de um piano, o rouxinol das salas.

Coimbra é a terra da musica como o é das flores. Tão naturalmente lhe sahem dos campos o perfume d'umas, como das salas as harmonias da outra.

Entremos na sala, onde é pequena mas escolhida a reunião d'essa noite. Não chega a uma duzia o numero das senhoras, e homens são pouco mais. Esses

poucos são pela maior parte academicos, e trajam ainda a blusa do trabalho intellectual, a batina.

Os donos da casa não haviam feito convites. Tinham na vespera chegado de uma praia, e algumas das pessoas que tinham nas salas eram como elles banhistas chegado de pouco.

Uma familia que se achava ali havia-os acompanhado de Espinho, descansavam ali um dia e no seguinte deviam partir para a Beira.

Fazia parte d'essa familia uma bonita menina de pouco mais de vinte annos, mais graciosa do que bella e de uma elegancia attrahente e sympathica.

Era ella que fizera soltar as vibrações que enchiam as salas de harmonia.

Sentara-se ao piano e tocara por algum tempo. Depois, fazendo para elle um gestosinho de amuada, voltara-lhe as costas, e, conservando-se sentada no banco, principiara com as pessoas que se lhe agrupavam em volta uma conversação ligeira mas animada.

Falaram por muito tempo de muitas e variadas coisas, que aparentemente se não ligavam: das praias e das flores, de modas e de musica; tudo isto entremeado de galanteios habilmente desviados ou ironicamente recebidos. Falou-se finalmente de poetas, facil transição para quem fallava de musica, e um dos conversadores, fazendo signal de aproximar-se d'um rapaz que, de longe e encostado a uma janella contemplava o grupo, disse: — Tenho a honra de apresentar a v. ex.<sup>a</sup>, minha senhora, um dos poetas que na academia de hoje melhor representa a poesia lamartiniana: é o meu amigo Carlos de Mendonça.

E em tom de gracejo continuou:

— Era talvez escusado indicar a v. ex.<sup>a</sup> o genero de poesia que cultiva e meu amigo... conhece-se-lhe facilmente pelo aspecto melancolico, vêem-se n'elle uns reflexos das brisas azues do seu mestre.

Os dizeres do apresentante foram acolhidos com sorrisos. O apresentado não

o olhou sequer, e, dirigindo-se para a senhora, disse-lhe com um sorriso contrafeito:

— O gracejo do meu amigo, que me dá a honra de me chamar poeta, concede-me a bem maior de complimentar a v. ex.<sup>a</sup>

— Está-me parecendo que o seu amigo não graceja, disse-lhe Laura retribuindo o comprimento; estou antes tentada a crer que o sr. Carlos de Mendonça não recusa o titulo que lhe conferem senão para furtar-se a pagar-nos os direitos de mercê, que seriam, quando acceita, a recitação de uma das suas poesias.

Carlos recusou-se tenazmente a confessar se poeta, e a conversação em breve mudou de rumo.

Passado algum tempo desfez-se o grupo. Uma outra senhora foi sentar-se ao piano, e Laura depois de borboletear pela sala foi encostar-se a uma das janellas que deitavam sobre o jardim. Pouco depois Carlos, julgando a janella abandonada, foi procural-a tambem. Ao ver Laura fez um movimento para retirar-se, mas ella voltando-se impediu-o de o fazer.

Trocaram algumas palavras banaes. Depois, um a par do outro, encostados á janella, illuminados por um luar suave, gozando ambos d'aquella atmosphaera perfumada e balsamica, conservaram-se mudos por muito tempo e como que extranhos um ao outro. A final, rompendo o magnetismo d'aquella noite de suavidades, disse Laura, voltando-se para Carlos de Mendonça:

— Então persiste em me não dizer versos?... Olhe, com este luar, este rio, estas margens tão formosas, póde haver alguém que se não diga poeta? .

— Poeta, minha senhora? disse Carlos com voz quasi sumida, e mais como quem pensava d'alto e só para si, do que como quem dava resposta e desejava ser percebido — talvez que o seja: mas da poesia que não transborda, da poesia que não encontra palavras que lhe traduzam os devaneios. D'esse sentimento esquivo e recatado, que se concentra no mais intimo do seio, que teme que a luz o profane, que o ar

o contamine. Poeta?... talvez: se poeta é o louco que todos os fulgores attrahem, que todas as bellezas fascinam; que não vê o brilho do oiro deslumbrado pelo fulgir das estrellas; que caminha com os olhos fitos n'um ideal, que a realidade afastará sempre de si!

— Está-se revelando, vê? Se os seus amigos o não tivessem descoberto, conhecel-o-ia eu agora.

— Quando ha pouco dizia a v. ex.<sup>a</sup> que não sou nem fui poeta, não quiz com isso dizer-lhe que o meu coração não fosse capaz de sentir-se impressionado por uma poesia vaga ou por uma commoção subita. Creia, minha senhora, que não ha seio tão rude, que não ha coração tão precavido, que não tenha em si uma corda que a subita apparição da belleza, que a aproximação d'um objecto sympathico não tenha o poder de vibrar. Se v. ex.<sup>a</sup> crê que são poetas todos os que sentem, acredite, minha senhora, que o sou, que o sou hoje mais do que nunca, porque mais e melhor tenho sentido.

— Advirto o d'uma coisa, sr. Carlos de Mendonça; e é de que apenas lhe pedi versos, e que me está offerecendo galanteios...

— Não é assim, minha senhora. V. ex.<sup>a</sup> pediu-me poesia e eu estava-lhe dando a unica que tenho n'alma. Se não lhe agrada... queixe-se v. ex.<sup>a</sup> de si, que assim a inspirou.

— Olhe, disse Laura em tom zombeteiro, guarde essa riqueza de sentimento, não estrague assim o que seria pena perder. Vê além aquella linha branca que corre ao longo do seu Mondego? é a via que d'aqui a poucas horas me levará para bem longe de... de tudo isto que estamos vendo. Não esteja pois a confiar-me poesia que eu teria pena de deixar por esse longo caminho, e que não poderia levar para o meio das minhas serras. Se soubesse como ellas são frias! Olhe, as suas flores succumbiriam ao peso do gelo!

Era tarde. O piano de ha muito que emmudecera, e as conversações haviam

tambem esmorecido. O luar, esse meigo pharol dos céus, cedia o logar ás sombras. A noite tornara-se escura, e a natureza parecia prestes a adormecer. Chamaram Laura, que teve de abandonar a janella.

Na madrugada seguinte partia ella para a Beira, deixava o Mondego com as suas flores, Coimbra com a sua mocidade.

Passou-se tempo, passaram dias, passaram mezes, nenhum echo da Beira chegou durante elles aos ouvidos do moço poeta. Nenhum som da lyra d'elle conseguiu chegar até ás penedias que occultavam a menina Laura. Veio finalmente um acaso (o acaso!?) que ali levou um dia um antigo conhecido de ambos. Ia atravessando a Beira, e pernitoou ali.

Falaram de muitas casas, e Laura perguntou-lhe a proposito não sei de que:

— O que é feito do seu amigo Carlos de Mendonça? Elle ainda faz versos?...

— Creio que sim, minha senhora; lembro-me que ainda ha poucos dias vi alguma coisa d'elle... lamentos por não sei que ignoradas desgraças!

— Sabe uma exquisitice d'aquelle rapaz? Instei muito com elle para que me mostrasse alguns versos, e elle, que os confia de todos, elle, que os atira diariamente ao mostrador dos jornaes litterarios, recusou-se tenazmente a mostrar-m'os a mim!!

— Temeu esse tribunal; nem isso admira.

— Não... não pode ser.

— Elle é um rapaz tímido: esquivanças de poeta!

— Capricho pode ser... timidez não creia!...

— Se v. ex.<sup>a</sup> deseja ainda ver esses versos que pediu, posso satisfazer-lhe a curiosidade. Tenho um jornal em que o Carlos collabora, mandar-lhe-hei alguns numeros.

Passados dias recebia Laura um pequeno masso de papeis. Eram jornaes com poesias de Carlos. Leu-as com curioso interesse, que augmentou ao encontrar no fim de uma d'ellas a data do dia em que

ella saíra de Coimbra, do dia que se seguira áquella noite de conversação, de que a memoria se comprazia em recordarlhe os incidentes.

Por mais de uma vez, ao percorrer com a vista os versos que primeiro lera, havia interrompido a leitura, e recolhendo-se por instantes fizera ao vago a pergunta — Quem será a mulher invocada? Quem a inspiradora? A ambição não ousava responder.

Por ultimo deparara com um canto singelo e como que desataviado; parecia mais um eco do coração do que uma criação artistica. Intitulava-se *Receios*, e poderia dizer-se um fremito que do seio viera aos labios do poeta. Vinham estas entre outras quadras:

«Porque nasceu este amor  
«Assim dentro do meio seio,  
«Entre magoas e receios  
«Entre lagrimas e dor?!...

«Ai! pobre amor malfadado!  
«Planta nascida entre abrolhos!  
«Que não te vissem meus olhos,  
«Se has de ser desventurado!

«Eu bem sei que sorriste  
«N'aquelle acerbo tormento;  
«Mas fatal presentimento  
«Me torna ainda mais triste.»

Depois, e em seguimento, o poeta deixava os *receios* para cantar saudades; era uma *despedida*, em que a alma parecia querer acompanhar a que lhe fugia a

«...os verdes prados e os montes»  
«Onde a infancia lhe sorriu.»

Mas vendo que lhe era vedado esse bem, que o corpo não podia seguir o pensamento, fazia calar a saudade e dizia com uma resignação que revia lagrimas:

«Embora! Seja-te a vida  
«Brando caminho de flores,  
«E eu que gema entre os horrores  
«Da ausencia dura e cruel;

«Que em leve somno te embale  
«Um anjo todo candura:  
«Dê-me embora a desventura  
«Todo o amargo do seu fel!

A data depois d'esta despedida era quasi uma revelação.

A discrição é uma cousa rara; o amigo officioso que collocara os versos nas mãos de Laura não deixara de fazer confidencias, e escrevera o seguinte a Carlos de Mendonça: «Estive em F... e fallaram-me de tí. Perguntaram-me por o poeta e eu mandei versos: adivinhei que se tratava do homem e revelei-lhe os *receios*. A quem fiz a revelação? de quem se tracta? O teu coração que o adivinhe.»



O que se passou depois d'isto não o sei. A lyra do poeta creio que não emmudeceu. Sob a pressão dos dedos nervosos continuou a desferir *receios* e esperanças, queixumes e saudades. E tão vibrantes foram as modulações, tão sonoras e altas se ergueram, que conseguiram atravessar as serras, vencer as distancias para irem morrer como um ecco saudoso junto d'aquella que as inspirava.

Morrer-lhes aos pés como um afago da brisa, ou viverem-lhe no coração como planta resguardada?...

Não sei se alguém o sabe; eu não.

Sei apenas que durante alguns mezes foram menos tristes os cantos do moço poeta, e que raios vividos de esperança se enlaçaram com os seus poeticos *receios*. Mas, como as rosas de Malherbe, não teve essa ventura mais do que uma aurora.

Mezes depois annunciavam os jornaes o casamento de Laura de A... com um ricoço de provincia. A prosa interpozera-se com a sua obtusa rotundidade á realisação dos sonhos poeticos. Os *receios* não haviam sido infundados, os temores tinham razão de ser.

Carlos de Mendonça recebeu um cartão participando-lhe o casamento de Laura; em troca recebeu ella um jornal onde se liam estes versos:

«Borboleta inexperta, eu pude apenas  
«Soltar as azas ao calor da vida;  
«Mas cedo o fogo me queimou: meu seio  
«É cinza arrefecida!

«Eu busquei um amor ardente, immenso  
«Como a area sem fim dos meus anhelos...  
«Fantasias em vão: sonhos inuteis,  
«Embora sonhos bellos!

«E n'essa luta fatiguei minha alma,  
«No louco anseio, no aspirar sem termo;  
«Hoje peza-me a vida como peza  
«A quem padece enfermo!

«Hoje sinto o canção, o tedio enorme  
«De quem não sabe que fazer no mundo.  
«Por isso os cantos meus são hoje tristes,  
«São ais d'um moribundo.»

O jornal foi devolvido a Carlos de Mendonça, mas á beira dos seus ultimos versos viam-se estas linhas d'uma letra rapida e miuda:

«Deus ao fadar o poeta  
«Na sua fronte inscreveu:  
«Prova da vida a amargura,  
«Que é esse o destino teu.

Carlos de Mendonça continua a soltar lamentos sonorosos. Laura não sei que é feito d'ella; creio que vive. Carlos, dotado de imaginação ardente, soffre e goza com

a mesma intensidade. Os poetas, sabendo melhor sentir, sabem tambem melhor soffrer. É esse o segredo das suas decantadas magoas. São harpas eolias que a viração fere.

Nem d'outro modo pôde explicar-se que a desgraça os busque de preferencia, ou que Deus se esmere em crear flores para negar-lhes o sol da ventura.

Muito sentir é muito soffrer, e muito gozar.

Pinhel, 28 de Julho.

\*\*\*

### SONETOS

Contemplava-te, sim. No olhar piedoso,  
Que n'esse instante para ti volvia,  
De tristeza e de magoa um mundo havia,  
Misturado ao prazer, eivando o gozo.

Tão bella, e desgraçada!... Que repouso  
Terá quem teu affecto ludibria?  
Tão meiga, ingenua e pura!... E todavia  
Tão infeliz tambem, anjo formoso!

Tu nem o abysmo vês! Vais innocente  
Após o coração, sem que a fadiga  
Do longo caminhar te desalente!

Embora a desventura te persiga,  
E ao precipicio vás—sorris contente!...  
Tanto pôde o amor, a tanto obriga!

Que nuvem de tristeza que esvoaça  
N'esse teu rosto que o prazer doirava?  
Alegre ha pouco ainda... agora escrava  
De intima dor, de incognita desgraça!...

Que setta hervada o coração trespassa,  
O terno coração, que te pulsava  
Com tanto ardor e fé, quando eu folgava  
De ver-te o riso teu, de ver-te a graça?

Sempre triste!... A tristeza empallidece  
Tua mimosa côr, meu anjo lindo;  
E teu olhar mais languido parece!

Pois vão agora os campos refflorindo,  
E a tudo alegre o sol que nos aquece,  
Só eu teus labios não verei sorrindo!

LUIZ CARLOS

## Agosto

Jam redit et Virgo...  
VIRG.

Aos calores dos passados mezes succedeu uma temperatura amavel, e a desordem atmospherica vai-se pouco a pouco asserenando. As preces e representações dirigidas ao poder moderador, que é Deus, para que acudisse a minorar tantos males parece que finalmente foram attendidas.

Esta machina sublunar estava de todo em todo desorganizada; retrocedera com o *Caranguejo*, que é o signo de Junho, profundamente alterada pelo *Leão*, signo de Julho, os quaes, como infelizmente se tem visto e experimentado, são dois signos bem revolucionarios. Hoje estamos debaixo da influencia da *Virgem*, a decantada *Astrea*, mãe da *Justiça*, e tudo nos faz esperar que volte a ordem aos seus eixos, e com ella o socego antigo e novas prosperidades.

Este mez, que era o *Sextilis* dos antigos romanos, recebeu depois o nome d'um despota, *Augustus*, que nós traduzimos *Agosto*. Terá este nome reaccionario visivel influencia nos acontecimentos futuros?!.. Oxalá que não. É verdade que lembra á França a carnificina de *Saint Barthélémy*, e a nós a derrota de Alcacer; mas tambem nos recorda a victoria de Aljubarrota contra os castelhanos, a conquista de Ceuta contra os sarracenos, a proscricção dos jesuitas contra a reacção clerical, e a batalha do Vimeiro contra os francezes. E recorda sobre tudo a memoravel revolução nacional de 1820, que implantou em terra portugueza o systema liberal que hoje nos rege. — E que data memorará em breve com a luta travada nas margens do Rheno?! Que novos futuros decidirá hoje a espada, a velha espada, que os philosophos debalde tentam substituir pelo direito?!..

O mez de Agosto nos campos é o fecho dos trabalhos agricolas. Recolhe-se o que em tempo se semeiou; o segador não tem mãos a medir.



O trigo mansamente amadurece.  
Arma o ceifeiro a mão: d'um talho e d'outro  
Bastas espigas cahem; taes na guerra  
Bronzeo trovão horrendo inteiras filas  
Derriba, uma após outra, até que os montes,  
Vão medrando, dos pallidos cadaveres.  
— Como o soldado alegremente brada,  
Quando ensaca os despojos do inimigo,  
Alegre o lavrador rende ao céu graças;  
Verá sem sustos assomar o inverno;  
Dará de rosto á, que elle traz, penuria.

Estes versos de Filinto cabem perfeitamente ao nosso mez, que sem duvida nenhuma é todo campesino.

Nem aqui, na propria Coimbra, perde o mez de Agosto os seus encantos. É verdade que é o mez em que *Minerva* fecha as portas do seu alcacar, o mez que procreve a batina, a *nobre blusa dos operarios da sciencia*; mas as Graças conservam sempre a sua séde n'estas viçosas collinas, não levantam arraias das margens do Mondego. Cinzanda é sempre bella, esplendida e voluptuosa como *Aglaia*, graciõsa e gentil como *Thalia*, alegre e amabilissima como *Euphrosina*. O rio trocou a prata das suas aguas pelo oiro das suas areias, mas a espada de fogo que o seccoou não empanou o viço das suas varzeas nem as esmeraldas dos seus arvoredos. A turba juvenil dos seus exilados pendurou as lyras nos ramos dos salgueiros, mas o echo ainda lhes leva de longe em longe um ou outro som perdido, que a brisa perpassando desferiu por acaso.

Se as Lauras passam por este leito de verdura rapidas como uma visão, ephemeras como um sonho, os Petrarchas que as immortalisam não morrem, nem as nossas Vacluses se esgotam. A heroína de J. Sandeau preferira este abrigo contra as tempestades do coração, e a amante de Saint Preux não trocara estes crystaes pelas aguas do seu lago. Os campos de Coimbra foram sempre moldura condigna dos mais generosos affectos.

A. A. DA FONSECA PINTO.

## PARTI

Parte, vae! mas que eu ignore  
 Quem me leva o meu thesoiro...  
 Vae, anjo de tranças de oiro,  
 Que longo tempo adorei;  
 Parte, adeus! Porem que eu saiba  
 Que vai contigo a ventura!  
 Meu poema de ternura,  
 Que em mil estrophes cantei!

Ail Adeus! Rasga-me o seio  
 Esta phrase dolorida!  
 Sinto partir-se-me a vida  
 Ao pensar que vais partir...  
 Longe, longe de meus olhos  
 Quem julguei que sempre visse!  
 E ventura, amor, ledice,  
 Tudo extincto em meu porvir!

Embora, vae! Mas ao menos  
 Eu saiba quanto és ditosa:  
 Creou-te o Senhor formosa,  
 Faça-te o mundo feliz;  
 Que importa que gema e soffra,  
 E me compunja a saudade?  
 Que importa que á tempestade  
 Eu vergue, se tu sorris?

Parte pois; mas que eu ignore  
 Quem me leva o meu thesoiro...  
 Vae, anjo de tranças de oiro,  
 Que longo tempo adorei;  
 Parte, adeus! Porem que eu saiba  
 Que vai contigo a ventura!  
 Meu poema de ternura,  
 Que em mil estrophes cantei!

LUIZ CARLOS.

## NECESSIDADE DA RELIGIÃO PARA O POVO

Pugnar por que a religião seja sabida e aprendida pelo povo, visto que o culto externo tem decahido sensivelmente dos habitos de grande parte dos homens, não será contar, e seguramente, com o accordo d'aquelles que, presenciando o mesmo espectáculo, igualmente o lastimam? É inquestionavel que depois que se fecharam os conventos o zelo pela pratica regular dos preceitos religiosos tem afrouxado e com prejuizo immenso dos costumes. — É por isso que, não obstante o mundo marchar e todas as faculdades humanas irem sempre n'um desenvolvimento progressivo e gradual, os que adoram o passado e o reputam manancial de felicidades publicas accusam de immoral a epocha e de retrograda, quando não são aquellas senão as legitimas consequencias d'um novo systema governativo, inoculado no povo sem as cautelas preliminares, e sem a preparação conveniente e indispensavel a todas as coisas que importam modificação profunda nos habitos sociaes.

Observe-se como o Catholicismo e os seus preceitos são postos em pratica, como os Sacramentos da Igreja são ministrados e recebidos — o Baptismo, a Confissão, a Comunhão, a Penitencia; a assistencia ao sacrificio da Missa, e outros identicos deveres, que não são praticados senão superficialmente e como formulas prescriptas, ou filhas do habito.

Ou a religião é precisa, ou não.

Demonstra-se que é, pela propria natureza do homem, pelas suas aspirações, pela historia e pelas tradições.

Sendo pois, como é, indispensavel, necessariamente que ha de ter a sua parte pratica, assim como tem os seus preceitos moraes.

Sendo porém melhor prevenir do que castigar, facilmente se deprehende que só uma instrucção conveniente, uma educação moral e a refórma de costumes, pausada mas constante e energica, poderão

produzir todos os resultados que se devem desejar tanto ao bem do povo em commum, como ao de cada *individuo* em particular.

PEDRO RÓXA.

## UMA CRUZ DO SECULO XII

O bispo D. Miguel, que governou a diocese de Coimbra em tempo de D. Affonso Henriques, e dispendeu sommas avultadas na edificação da Sé, que hoje chamamos *Velha*, fez, além de outras ricas ofertas a este templo, a de setecentos morabitanos e mais nove marcos e uma e meia onça de ouro para uma Cruz. Consta de um documento do *Livro Preto*, d'onde extrahimos a seguinte descripção da Cruz, que n'aquella memoria se diz de ouro purissimo. Estavam n'ella embutidas uma parte maior e outras particulas menores do sepulchro do Senhor, duas particulas da verdadeira pedra do monte Calvario, n'uma das quaes ao meio da Cruz se via a imagem do Senhor Crucificado, diligentemente esculpida, e a seus pés uma particula do precioso lenho da Santa Cruz, e d'um lado a imagem da Santissima Virgem em pé juncto da Cruz e do outro lado a imagem de S. João. Na parte inferior da Cruz estava outra porção de pedra do Calvario, engastada em ouro, na qual longitudinal e transversalmente se via, á imitação da Cruz do sepulchro do Senhor, uma parte do precioso lenho, de tal modo pregada na pedra que a todos ficava bem patente.

A. FILIPPE SIMÕES.

### Charada 21.

No jogo do xadrez assim praticam, }  
As vezes com proveito os jogadores, } 2  
E quem procede assim, certo, não póde }  
Por socegado e quieto obter louvores. } 2

Se Ponson du Terrail acaso eu fosse,  
Havia de a Coimbra fazer vir

O tal heroe famoso, p'ra o *thuguismo*  
Da nossa Lusa Athenas extinguir.

Pois, bem que em Coimbra não temos  
Os thugues 'stranguladores,  
Comtudo ha *thugues doutores*,  
Cujas acções conhecemos.

F. C.

22.

Lendo não me foi possível  
Encontral-a uma só vez. }  
Mas reli, e então achei-a: } 1  
Faz o mesmo se me lês.

Não sou metal precioso, }  
Mas a metaes brilho dou. } 1  
Deus pagão que me adorava }  
Em animal me tornou. } 1

Se adivinhar-me pretendes  
Bem pouco tens que fazer;  
Lê uma vez a charada,  
Volta a folha, e põe-te a ler...

A. SARMENTO.

## EXPEDIENTE

Tendo encetado o segundo trimestre d'este jornal, suspendemol-o hoje involuntariamente até Outubro.

Coimbra em ferias é o deserto das letras, apenas com os oasis dos jornaes politicos; qualquer outra vegetação litteraria definha á mingua de leitores. Cedendo constrangidos diante d'este obstaculo, despedimo-nos até á abertura do futuro anno lectivo.

Os senhores Assignantes, de quem recebemos a importancia do segundo trimestre, podem levantar o seu dinheiro se quizerem; de contrario fica em deposito até que opportunamente completemos o tempo da sua assignatura.

Explicação da charada do n.º antecedente

20.ª — Sofá.